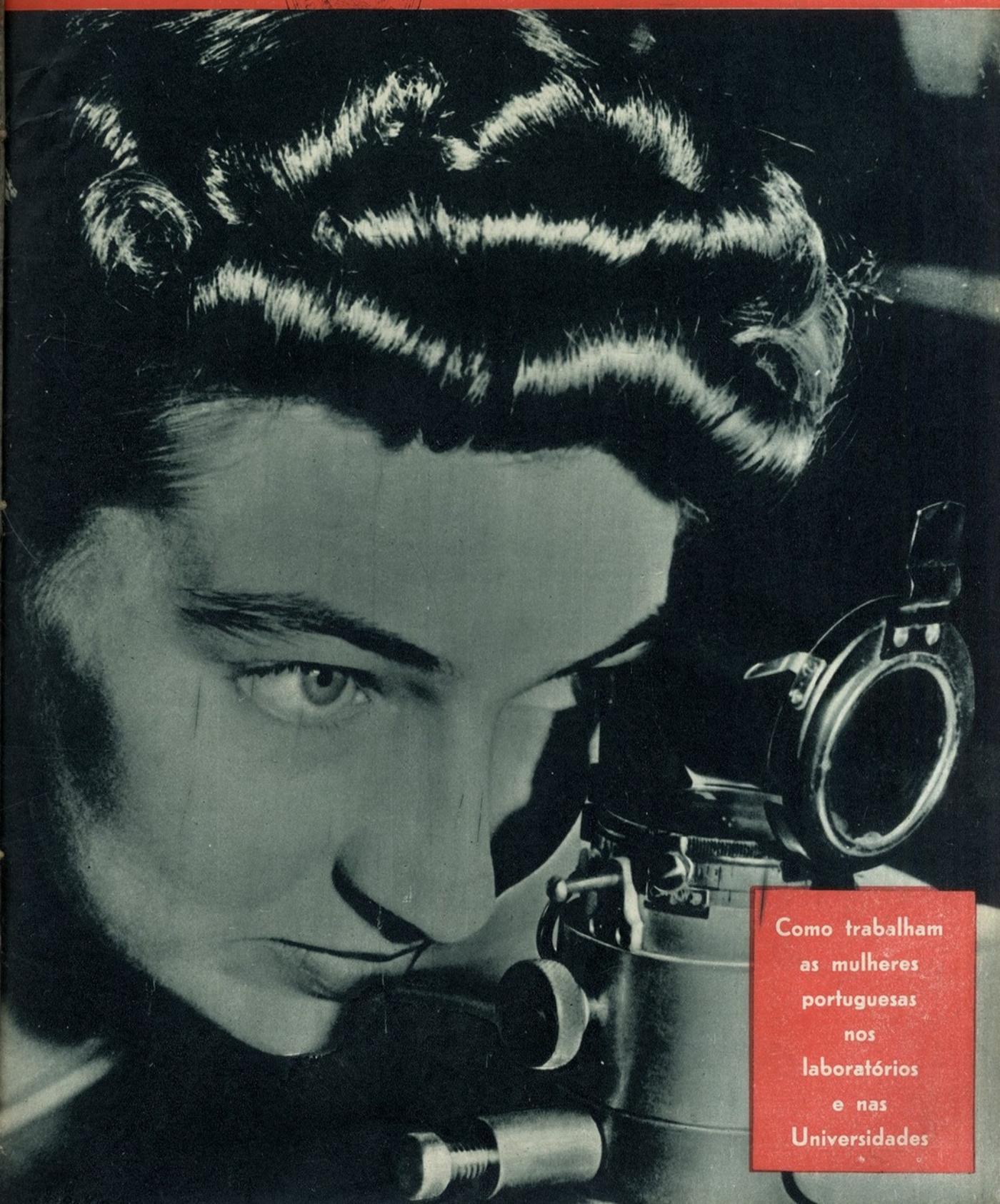


30

DEPÓSITO LEGAL  
MAI 1942

# MUNDO GRÁFICO



Como trabalham  
as mulheres  
portuguesas  
nos  
laboratórios  
e nas  
Universidades

# B. B. C.

## A Voz de Londres fala e o mundo acredita

### Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
13,15 noticiário	G R Z .	13,86 m. (21,64 mc/s)
13,30 actualidades	G R U .	31,75 m. ( 9,45 mc/s)
	G R V .	24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 (*) noticiário	G R X .	30,96 m. ( 9,69 mc/s)
22,15 (*) actualidades	G S B .	31,55 m. ( 9,51 mc/s)
	G R T .	41,98 m. ( 7,15 mc/s)

(\*) Este período de Noticiário e Actualidades  
ouve-se também em ondas médias de 201,1 metros  
(1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros  
(200 kc/s).



## Sumário

- OS DOZE DE INGLATERRA, por João de Barros
- REFLEXOS DO MUNDO
- RICHARD CASEY, biografia
- CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»
- O MILAGRE DA CHINA
- O EMBAIXADOR DO BRASIL EM PORTUGAL,  
por S. Saboya
- JOSÉ VICENTE, CRIADO DE REIS E PRESIDENTES,  
por J. B.
- O ATAQUE A LUBECK
- STAFFORD CRIPPS EM LISBOA
- LEÕES NO CIRCO
- O LITTORIO TORPEDEADO
- A OFENSIVA DE 1942
- VELAS BRANCAS
- A PRIORIDADE DA TÉCNICA INGLÊSA, por Donald  
Cowie
- COMO SE SALVAM VIDAS, por Manuel Martinho
- A SEMANA DA COSTUREIRA
- MEMÓRIAS DE CHURCHILL
- OS OLHOS DA R. A. F.
- PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim
- CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão
- O MORIBUNDO, novela de Guedes de Amorim
- CINEMA, de António Lourenço



A TRAVESSIA DO TEJO

(Foto de Jorge Vaz)

## HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

ã venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho  
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237  
LISBOA



DIA E NOITE...

Os inigualáveis cremes de beleza

*Rainha da Hungria*

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

**M. ME CAMPOS**



M. ME CAMPOS

**ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA**  
LISBOA—RIO DE JANEIRO

# OS DOZE DE INGLATERRA

por João de Barros

VEM nos «Diálogos de Vária História» a saborosa narrativa dos Doze de Inglaterra, «a que o nosso Cambões, diz o autor, deu igual glória à que mereciam». E prosseguiu: — «porque sendo com aquele tempo em Inglaterra algumas damas do Paço motejadas pelos cavaleiros ingleses de muito feias e pouco para amadas, e tais que nenhum cavaleiro por força de armas lhes ousaria contraditar isso, e mostrando melhor sentimento à magua que tinham de não haver cavaleiro no reino que com estes ousasse combater, por serem os melhores e os mais reforçados de todos eles. A isso acudiu o Duque de Lencastre, que presente se achava, dizendo-lhes...»

Mas sigamos antes a lição de «Os Lusíadas» infinitamente mais bela.

Receosas e tímidas as damas inglesas:

“Em lágrimas formosas e bastantes...  
“Se vão tôdas ao Duque de Alencastro”.

“Era este inglês potente e militar  
“Co’os portugueses já contra Castela  
“Onde as forças magnânimas provara  
“Dos companheiros e benigna estrêla.  
“Não menos nesta terra experimentara  
“Namorados afectos, quando nela  
“A filha viu que tanto o peito aoma  
“Do forte rei que por mulher a toma”.

Ora «o inglês potente», para dar solução agradável ao caso das suas patricias ultrajadas, aconselha-as a pedir a doze cavaleiros lusitanos, cujos nomes imediatamente escolhe, que venham defender-lhes a honra, or elas se batendo segundo as normas da época: — em torneio ou batalha campal, na presença do Rei de Inglaterra e sua côrte.

Logo os doze portugueses aceitaram o convite, com a autorização de D. João I, claro está:

“Lá na leal cidade donde teve  
“Origem, como é prova o nome eterno  
“De Portugal, armar madeiro leve  
“Manda o que tem o leme do governo,  
“Apresentam-se os doze, em tempo breve  
“De armas e roupas de uso mais moderno,  
“De elmos, cimeiras, letras e primores.  
“Cavalos, e concertos de mil cores.

Partem todos do «Douro celebrado», exceto um: — o famoso Magriço, que prefere sair por terra, e que por fim «no grande empório foi parar de Frandes» e em Flandres se demorou enquanto os onze, na sua nau ligeira,

«Cortam do mar do Norte as ondas frias».

Chega o dia do torneio, e os onze lusitanos estão a postos no campo. As damas, vestidas

«De côres e sêdas  
De ouro e de jóias mil, ricas e lêdas

olham, confiadas, a marvótica atitude de seus defensores. Só uma se mostra triste: aquela a quem Magriço fôra dada em sorte... Os onze lusitanos dispõem-se, a-pesar de tudo, a bater-se contra os doze ingleses:

“Já num sublime e público teatro  
“Se assenta o rei inglês com tôda a côrte.  
“Estavam três e três e quatro e quatro,  
“Bem como a cada qual coubera em sorte.  
“Não são vistos do Sol, do Tejo a Batro,  
“De força, esforço, e de ânimo mais forte,  
“Outros doze sair como os ingleses,  
“No campo contra os onze Portugueses”.

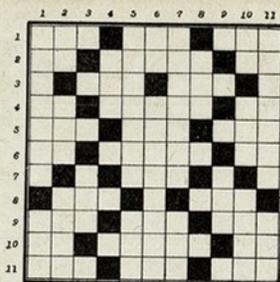
O espectáculo é empolgante, de facto:

“Mastigam os cavalos, escumando,  
“Os duros freios, com feroz semblante,  
“Estava o Sol nas armas rutilando  
“Como em cristal ou rígido diamante;  
Mas...

“... Mas enxerça-se num e noutro bando  
“Partido desigual e dissonante  
“Dos onze contra os doze; quando a gente  
“Começa a alvoraçar-se geralmente”

Era Magriço que chegava, enfim, com «armas, cavalo ao épico serviço», o que provoca alegria manifesta no rosto

(Continua na pág. 27)



PROBLEMA N.º 38

### HORIZONTAIS

- 1 — Ave pernalta, espécie de avestruz — Planta labiada — Caritativa.
- 2 — Afastado — APELIDO DO NOVO MINISTRO DA GUERRA DO GABINETE INGLÊS — Carta de jogar.
- 3 — Colorido — Casa.
- 4 — Indivisível — Ministramos — Insignificância.
- 5 — Sinal gráfico — Preposição e Artigo (pl.) — Felicidade.
- 6 — O mais — Busto de pessoa ou estátua — Apelido.
- 7 — Costume.
- 8 — Preposição e Artigo (pl.) — Dificuldade.
- 9 — Ansia — Bigorna de ourives — Abundância.

- 10 — Interpretei — Mexer — Nota musical.
- 11 — Patrão — Iço — Exclusão.

### VERTICAIS

- 1 — Prestar atenção — Resguardo lateral.
- 2 — Pedra de moinho — Numeral cardinal — Semelhante.
- 3 — Triture.
- 4 — Deus (inglês).
- 5 — Igualou — Pronome possessivo.
- 6 — Reparei — APELIDO DO MINISTRO DA GUERRA AMERICANO.
- 7 — Que não tem língua — Atilho.
- 8 — Qualquer fluido aeriforme.
- 9 — Igual.
- 10 — Caminhava — Medidas de 0,33 — Junte.
- 11 — Aparecer — Viscera.



Solução do problema n.º 37

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

# Remington

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas { Comerciais  
Portáteis  
Somar  
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos



LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º  
Telefones: 2 1802 - 2 1803

R. Sá da Bandeira, 69-2.º  
Telefone: 1 276

# REFLEXOS DO MUNDO

## Tóquio bombardeada

Os habitantes das cidades japonezas são a cada passo torturados pelos cataclismos da natureza. Os tufões e os ciclones visitam-os constantemente. As suas casas de materiais ligeiros desfazem-se, sepultando os seus habitantes nos escombros.



Agora porém aos terremotos sucedem-se os bombardeamentos que os americanos com uma precisão notável, estão fazendo sobre Tóquio, que há mais de 2.000 anos não sabia o que era a guerra. O seu baptismo de fogo foi terrível.

A força só a força pode responder, e essa, e esmagadora, tem-na sem qualquer dúvida a grande América.

## A acção do Canadá

Os canadianos que trouxeram para a guerra a sua fé indomável e a sua energia admirável, de que já haviam dado provas na outra guerra, tem dado um exemplo notável do que é a solidiedade de Commonwealth.

Possuem no seu território os maiores campos de treino de aviação, longe dos raids inimigos. A sua construção naval tem-se intensificado ao máximo.



O Ministro das Munições anunciou ultimamente, o aumento de carreiras nos estaleiros. O actual programa compreende nada menos de 172 navios, que serão os transportes de munições e dos homens da vitória.

A união do Canadá é impressionante. Combate pelo Império Britânico de que faz parte e também por aqueles que ainda hoje constituíam uma parte da sua população.

## O patriotismo norueguês

Na Noruega foram internados seiscentos professores no campo de concentração de Grini. Era-

-lhes dada a liberdade caso aderissem à Associação dos Profes-



sores criada por Quisling. De seiscentos, só seis aceitaram, isto é, um por cento. Os outros 594 foram enviados para Jeorstad Moen, perto de Lillehammer.

Para lá seguiram em vagões que não são utilizados para transporte de passageiros, sem aquecimento. Em Oslo tiveram mudar de combóio. A multidão que enchia as plataformas da estação manifestou-lhes patrioticamente a sua simpatia.

Os que sofrem por amor da sua pátria nunca se encontram sós. É o caso desses bravos súbditos do rei Haakon.

## A epopeia de Malta

O Rei Jorge VI assumiu o comando dum regimento da gloriosa guarnição da ilha de Malta, em homenagem a esses bravos, que diariamente, derrotam o inimigo, infligindo-lhe grandes perdas na sua aviação. O chefe do Império Britânico declarou-se sobremaneira honrado com o posto de coronel desse regimento.

Há terras cuja história é uma epopeia de heroísmo. A ilha de Malta — sentinela vigilante onde a cruzam os olhares do Ocidente e do Médio Oriente — é uma delas. Sobre as fôlhas da sua história não chega a cair o pó.

Sempre na brecha, a ilha que foi residência de cavaleiros e defensora da civilização cristã, continua a manter as tradições.

## O «champagne» da vitória

No dia 15, o sr. Sequeira, súbdito britânico de origem portuguesa que reside em Londres e tem a felicidade de ter onze fi-



## BOMBAS SÔBRE A ALEMANHA

lhos, fez um maravilhoso negócio. Ao meio dia, comprou 7.205 garrafas de vinhos, «champagne» e licores das caves do famoso restaurante «Romano», pela bonita quantia de 16.000 libras. As quatro horas da tarde Sir Kingsley Wood, chanceler do Tesouro, anunciava, nos Comuns, o aumento das taxas até 75 por cento para a maior parte dos vinhos e 40 para outras bebidas alcoólicas e licores.

Estes aumentos fizeram com que o sr. Sequeira ganhasse 900

libras em quatro horas, sem trabalho algum.

Interrogado, declarou com entusiasmo:

— Guardarei o «champagne» para festejar a vitória.

## A princesa Isabel

A princesa Isabel de Inglaterra fez no dia 21 de Abril, 16 anos.

Até agora todos os aniversários da princesa têm sido celebrados na intimidade. Este, porém, marcou a sua entrada na vida pública. Por determinação do Rei a graciosa princesa assistiu a uma reunião do Regimento de Granadeiros da Guarda, na

qual ela tem a patente de coronel.

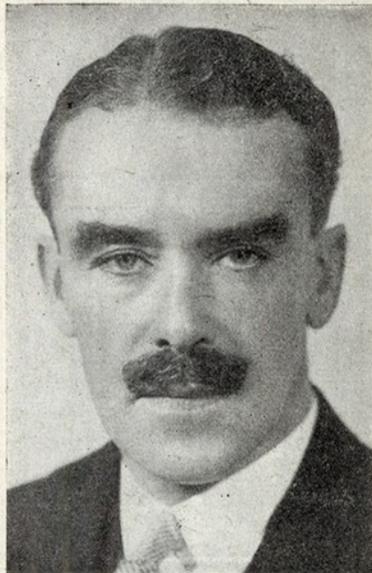
Entre os presentes que recebeu, conta-se uma jóia cravejada de diamantes, com as insígnias dos Granadeiros da Guarda.

A futura Imperatriz das Índias, Rainha da Grã-Bretanha e Irlanda, que tem o nome de outra grande soberana, entra na vida a oficial quando o seu país está empenhado numa luta feroz, cujo fim glorioso já se avista.



**Quere ganhar dinheiro?**

**Anuncie no MUNDO GRÁFICO**



**RICHARD CASEY** ★

**ESTE** nome, ainda há pouco tempo quasi totalmente ignorado das multidões, adquiriu rapidamente uma nomeada excepcional.

Richard Casey, que pertence a uma das mais ricas famílias australianas, acabara o seu curso em Cambridge quando rebentou a conflagração de 1914-18. Alistou-se imediatamente no exército e bateu-se, em mais dum local, com bravura inexcelsível. Ganhou assim as mais altas condecorações e as citações mais honrosas. Quando cessaram as hostilidades tinha sido promovido ao posto de major.

Em 1919 regressou à Austrália. Os assuntos de política externa eram uma preocupação dominante do seu espirito. Durante cinco anos estudou e, no mundo dos negócios e da politica, fez uma larga colheita de ensinamentos. Viajou então demoradamente nos Estados Unidos de onde seguiu para Londres onde lhe foi confiado um lugar de perito, para os assuntos australianos, no Foreign Office. A sua identidade de sentimentos e a sua semelhança com Anthony Eden deram-lhe, em certos meios londrinos, uma reputação merecida.

Dirigente categorizado da Teosofia e Ministro dos Abastecimentos da Austrália foi, depois de se ter distinguido no desempenho dessas funções, nomeado ministro em Washington onde as suas brilhantes qualidades tiveram uma retumbante confirmação. Richard Casey, que acaba de ser nomeado ministro do gabinete de guerra britânico com o encargo de superintender nos assuntos do Próximo Oriente, fez assim uma carreira rápida e brilhante que os seus méritos inteiramente justificam.

## CRÓNICA INTERNACIONAL

# OS ACONTECIMENTOS SUCEDEM-SE

OS acontecimentos sucedem-se com uma rapidês vertiginosa. De desencontrados e contraditórios que parecem, quasi não há tempo para os fixar, na sua ronda ininterrupta, e para os analisar, na sua multiplicidade desconcertante. E, entretanto, o ritmo acelerado da sua sucessão obedece a imperativos visíveis e até condicionado pelas exigências imperiosas do tempo. O ano de 1942 é apontado como o ano crucial da guerra. Não aconteceu, porém, o mesmo com os seus antecessores?

Não surgiu a mesma expressão impressionante a propósito de 1930, de 1940, de 1951?

De facto, 1939 a eclosão das hostilidades e a derrota da Polónia. Em 1940 as campanhas da Noruega e do Ocidente com a derrota do exército francês e a resistência britânica. Em 1941 as campanhas dos Balcãs e da Rússia e a intervenção no conflito dos Estados Unidos e do Japão. Se quisermos atribuir à palavra um sentido restrito foi com propriedade que esses anos apareceram classificados de cruciais.

E se quisermos atribuir-lhe o sentido generalizado de período fixo dentro do qual se decidirá da vitória ou da derrota dos beligerantes? A esse respeito a posição dos contendores não é idêntica. As vitórias alemãs conseguidas em vários campos de batalha não deram ao Reich a vitória. Os êxitos colhidos pelos japoneses, ao fim de quatro meses e meio de luta, não aproximaram o Japão dos seus objectivos finais. Dois factos fundamentais condicionam todos os outros: a guerra relâmpago degenerou em guerra demorada; a guerra restrita ao continente europeu degenerou em conflito mundial. As conclusões a que estas premissas conduzem são evidentes: o sentido do conflito será decidido pelos recursos dos beligerantes; as posições que estes detêm terão uma influência capital na marcha dos acontecimentos políticos e militares.

A primavera anuncia-se tempestuosa. Os preparativos aceleraram-se dum e doutro lado. Mas enquanto para o bloco tripartido se trata de jogar uma partida decisiva, para os seus adversários trata-se de sustentar o ímpeto do inimigo a-fim-de preparar contra ele novos golpes. A França e a Turquia são os dois polos em torno dos quais gira a actividade diplomática do "eixo". Esta actividade transferida para o plano militar tem uma designação ajustada às realidades actuais: "pretender assegurar as rectaguardas.."

Este esforço de assegurar ou acautelar as rectaguardas, transparentes nas últimas iniciativas do Reich, está condicionado de certo modo, às iniciativas dos Aliados e à atitude das populações locais.

A Rússia e o Próximo Oriente aparecem geralmente designados como principal teatro de operações na primavera deste ano. O que não quer dizer que essas duas regiões geográficas sejam o único teatro de operações. No Extremo Oriente e no Atlântico Ocidental ferem-se batalhas de grande importância cuja influência não pode ser nem ignorada nem tida em menos conta. É na Rússia e no Próximo Oriente que se decidirá a batalha de 1942.

Se o ataque alemão a Leste falhasse e os dirigentes alemães se vissem na necessidade de preparar uma segunda campanha de inverno na Rússia é difícil conjecturar o que poderia acontecer. O grupo de nações aliadas, seja qual for a hipótese tem na sua frente o tempo necessário para mobilisar o seu potencial gigantesco.

○ OBSERVADOR

## General De Gaulle

Eis um nome que é um destino. Dir-se-ia que nele se reflectem as façanhas dessa Gália heróica que, através dos séculos, na expressão da sua alma verdadeira, encontrou sempre símbolo da bravura e da tenacidade. Dá-se com os povos, o mesmo que se dá com os astros. Sofrem, por vezes, um eclipse, para depois reaparecerem, luminosamente, irradiando a luz de sempre. De Gaulle que, no outro conflito, se bateu, valorosamente, e que foi o pioneiro da chamada guerra mecânica, ao lado de Paul Reynaud, é hoje a figura suprema dos franceses livres.

Foch tem nele um continuador da história pátria.

## A ofensiva

Desanuviam-se os céus. Todos sentem que grandes acontecimentos estão em curso. A Inglaterra e os Estados Unidos, fortes do seu poder militar, desenharam sobre o Reich, uma grande ofensiva. Onde se dará ela? A ameaça latente, iminente criou, um estado de visível inquietação, na Alemanha. Qual o resultado da ofensiva? Seja ele qual for, o facto é que a Alemanha, tem do distrair fortes contingentes terrestres e aéreos de que ela agora considera o principal campo de batalha. A divisão das forças será a sua fraqueza.

## Soou a hora!

A. R. A. F. voa dia e noite sobre a Alemanha. Os bombardeamentos incidem agora sobre Lubeck, Rostov, Augsburg, Hamburgo, o Rhur — mais longe da costa, outros no interior do país. Como diz o nosso povo: Voltou-se o feitiço contra o feiticeiro. A caça alemã tornou-se mais rara, e o povo inglês, tranquilamente, forja as armas da vitória, lendo ao outro dia, no comunicado do ar, que apenas um aparelho inimigo se atraveu a cruzar o seu território. Isto prova que a Inglaterra tem hoje a supremacia aérea. Ao mesmo tempo anuncia-se que, americanos instalados, na Gran-Bretanha, as suas poderosas forças aéreas. Agora tudo vai mais rápido.

## O horário da B. B. C.

Em consequência da mudança da hora em Portugal, as emissões de noticiário da B. B. C. de Londres para o nosso país, que se faziam normalmente às 13 e 15 e 22 horas, respectivamente, nos cumprimentos de onda de 13, 86 m, 31,75 e 24,92 e 30,96 31,55 e 41,96, passam a efectuar-se às 14 e 15 e 23 horas.

## MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**  
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L<sup>a</sup>

Redacção e Administração: **Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240**

Composição e Impressão: Neogravua, L<sup>a</sup>, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa  
PAGINAÇÃO DE **ROMEU MARQUES CARDOSO**

Preço **1\$50**

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**



AS BANDEIRAS GLORIOSAS DA CHINA, NAS MÃOS DA MULTIDÃO ARREBATADA DE ENTUSIASMO, SAUDAM A ÚLTIMA VITÓRIA DOS SEUS EXÉRCITOS CONTRA O INVASOR JAPONÊS

# O MILAGRE DA CHINA

**H**Á mais de cinco anos que a China resiste à agressão desencadeada pelo imperialismo nipónico, militarmente preparado com as armas e as ambições mais audaciosas e decidida a chegar rapidamente a uma solução. Essa resistência tem seus aspectos de milagre. No fundo, há uma razão que fundamentalmente a explica: a unidade nacional. Realizando-a, o marechal Chang-Kui-Chek tornou-se numa das mais eminentes personalidades do mundo moderno e levou o seu país, convaléscente duma longa guerra civil, à

categoria de grande potência em plano de igualdade com os maiores e mais poderosos Impérios.

Como se pôde realizar o milagre? Um aforismo de Confúcio diz que cada indivíduo é directamente responsável pela prosperidade ou pela decadência do Estado. Assim, o plano de acção que devia conduzir à salvação e à redenção nacional aparecia traçado em poucas palavras. Restava aplicá-lo, conquistando para a causa do nacionalismo chinês as multidões que dela andavam divorciadas.



ções internas que levaram à luta militar. Em Abril de 1935 as tropas de Chang-Kai-Chek desencadeavam uma primeira ofensiva vitoriosa contra os exércitos dissidentes que ocupavam três importantes províncias chinesas. Em seis meses o marechal Chang-Kai-Chek consolidava as suas primeiras vitórias fundamento indispensável de unidade nacional.

Quando realizava um esforço de organização interna valioso e destinado a um êxito completo, o governo de Tóquio prevendo que a unidade da China seria um obstáculo invencível para a realização dos seus desígnios, precipitou a ofensiva e iniciaram-se as hostilidades que ainda agora prosseguem. Para que o chefe aclamado da China nacional possa desempenhar o papel de primeiro plano que os seus aliados lhe atribuem, o qual acaba de ter uma confirmação retumbante na viagem de Chang-Kai-Chek à Índia, as suas negociações com os peritos diplomáticos e militares norte-americanos e com o governo de Londres, é preciso que o seu país, como é próprio, se tenham mostrado dignos das manifestações que geralmente lhe são tributadas.

A tese de Confúcio mandava apelar para as qualidades e para as virtudes de cada indivíduo considerado isoladamente. Em côro, os chefes do movimento nacionalista chinês preconizaram as realizações de ordem prática e as medidas de higiene e de prosperidade que julgaram indispensáveis para a realização dos seus objectivos.

Iniciado em 1934 este movimento avassalador, que nada mais poderia deter, levou um ano a vertebrar a sua organização definitiva. Em Fevereiro de 1935 o movimento "Vi da Nova," dirigiu-se ao povo chinês e conquistou rapidamente milhares e depois milhões de adeptos. Com o seu progresso coincidiram as reac-

ções de armas que os chineses recentemente têm praticado na Birmaniam bem como a sua preparação militar levam à convicção de que na liquidação da guerra como na realização da paz, a China terá um lugar preponderante.

A China é uma fonte inesgotável de reservas humanas. Os seus exércitos, que são cada vez mais numerosos à medida que o tempo passa, recebem uma intensíssima instrução de material moderno. Estes soldados aprendem o funcionamento de uma metralhadora anti-aérea de último modelo, de que receberam enormes quantidades



O marechal Chang-Kai-Chek, durante a sua recente viagem à Índia, passeia no jardim da residência do vice-rei com Lady Linlithgow



Os exércitos chineses têm já hoje importantes forças aéreas, constantemente aumentadas pelos fornecimentos em massa dos Estados Unidos. A camuflagem de um avião num aerodromo secreto da Birmaniam

# O Embaixador do Brasil em Portugal

**PORQUE SERÁ, BRASIL,  
QUE SENDO TÃO  
GRANDE CABES  
NO MEU CORAÇÃO?**

A política de convívio, dia a dia mais íntimo, entre Portugal e Brasil e a concepção, ainda há pouco bem amplamente acentuada, que o Presidente Getúlio Vargas tem da aproximação estreita e fraterna entre os dois povos, encontrou no sr. dr. Araújo Jorge, ilustre embaixador do Brasil entre nós, o colaborador ilustre para a levar a bom termo.

Encantador espírito de diplomata, que rapidamente conquistou as mais fundas amizades, o sr. dr. Araújo Jorge é, também, um dos maiores amigos que o nosso País tem na elite brasileira. No número dos seus mais elevados méritos pessoais, ressaltam os de ser finamente subtil, requintadamente amável e duma preciosa cultura que lhe permite manter, com segurança, pela distinção muito pessoal da sua acção, uma posição de relevo entre os dois países irmãos.

Apaixonado pela seqüência da tradição portuguesa e brasileira em tudo quanto, numa perfeita identidade de glórias e em completa fraternidade de raça e de coração, serve a unir e confundir os dois países, o sr. dr. Araújo Jorge, secunda, a orientação do Presidente Vargas, erguendo bem alto, perante nós, o Brasil, de forma a accentuar que ele é o prolongamento de Portugal no sangue e na glória.

Getúlio Vargas, a quem o Brasil deve os mais assinalados serviços, bem patenteados em reformas sociais e económicas de profundo alcance, é, actualmente, a alma propulsora desse mesmo Brasil, ao qual transmitiu todo o poder formidável da sua energia, recentemente afirmada através da histórica Conferência do Rio de Janeiro, cujos resultados se devem, sem sombra de dúvida, ao impulso superior e brilhante que ele lhe soube imprimir. Proclamado, nessa Conferência, onde se decidiu a atitude do novo mundo perante a guerra, cidadão honorário da América Latina, o Presidente da República Brasileira recebeu assim a mais alta e significativa distinção que, até hoje, tem sido conferida a um Chefe de Estado, constituindo uma consagração das mais honrosas de que há memória. Essa consagração representou, ainda, uma homenagem pelos resultados da Conferência, que foi, segundo proclamou o dr. Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do Brasil, o mais importante fenómeno histórico dos últimos tempos, pois levou um continente inteiro, pela primeira vez, a unir-se para uma acção comum, na defesa dum ideal comum. Hoje a América está ao lado dos Estados Unidos e, portanto, das Nações Unidas na guerra contra as forças do Eixo.

O Brasil foi, talvez, o principal *leader* dessa decisão histórica. A carta do Rio funda-se na carta do Atlântico, cujos pontos foram expressos por Roosevelt e Churchill. A solidariedade continental americana é, pois, um facto — facto transcendente que, repete, afinal, mas ainda com maior latitude e eficiência, o que se passou na guerra mundial.

S. Saboya



O SR. DR. ARAÚJO JORGE



O José Vicente deixa, todos os dias, sobre este móvel, os jornais e a correspondência do sr. general Carmona

## JOSÉ VICENTE

CRIADO DE REIS E PRESIDENTES

CHAMA-SE José Vicente este homem pequeno de estatura e grande de alma que temos aqui ao nosso lado. É o «cidadão» mais antigo da cidadela de Cascais e já serviu reis e presidentes e serve ainda — e oxalá seja por muito tempo! — o sr. general Carmona. Conta 75 anos, é bisavô e entrou para a velha fortaleza com a categoria de «moço de tesouro», ao serviço de D. Carlos, então príncipe.

Coisa extraordinária! O José Vicente nunca passou uma noite fora da Cidadela e nunca veio a um teatro a Lisboa!

— Então, José Vicente, conte lá coisas interessantes!

— A minha memória já não me ajuda — e bate com a dextra no alto da cabeça. — Olhe, a rainha D. Amélia era muito simpática. Tratava-me muito bem a mim e a todos os empregados. Aquilo é que era uma senhora! Sabe? ela tinha umas chapulas que iam à pesca. Quando voltavam



Logo de manhã, o carteiro chega com a numerosa correspondência do sr. Presidente

do mar a rainha escolhia algum peixe para o palácio e o resto mandava distribuir no terraço. Ela mesmo é que indicava para quem eram os pequenos montes de pescado. Era uma boa senhora!

E o velho criado, em cujo rosto se desenha um sorriso triste, fala-nos depois das visitas à cidadela de altas personagens: o rei do Sião, Eduardo VII e presidente Loubet.

— Olhe, a casa grande de jantar da cidadela foi feita quando cá esteve o Presidente francês.

— Conte-nos coisas interessantes de D. Carlos — pedimos-lhe.

— Que quere que eu lhe conte. Era um homem muito bom. Levantava-se tôdas as manhãs às oito horas para ir à caça, acompanhado dos oficiais e de alguns caçadores... Eu andava sempre com os príncipes.

— Conte-nos agora o que se passou quando foi proclamada a República.

— No dia 5 de Outubro estávamos aqui no palácio somente eu e o almoxarife Manuel da Cruz e Silva. A guarnição da cidadela era composta apenas por um des-

tacamento comandado por um sargento. Falou-se num assalto e tivemos receio. E a verdade é que a certa altura surgiu uma grande multidão armada de paus e foices, erguendo vivas à República mas não fizeram mal a ninguém. Içaram uma bandeira que parecia azul e encarnada e em seguida os manifestantes dispersaram.

— E fique eu só aqui, senhor e governador de tudo isto durante três anos, vendo levar de vez em quando as mobílias para os palácios da Ajuda, Necessidades, Sintra e Belem. A casa ficou quasi só com as paredes.

— Quando veio para cá o dr. Manuel de Arriaga?

— Não me lembro bem, mas parece-me que foi em Agosto ou Setembro de 1913. Era uma boa criatura. E então a senhora e os meninos, nem sei como hei-de dizer de tão bons que eram! Sabe que ele era doente, sofria muito do reumatismo e veio para aqui com o fim de tomar banhos de água salgada. Um dia chamou-me e disse-me: «Olhe, eu sou pobre e só posso dispôr de um cruzado para pagar o banho. Veja se consegue arranjar a água e a le-



E é ele que, todas as manhãs, iça ao tope do mastro do terraço da Cidadela a bandeira nacional



Esta pasta vem da Presidência do Conselho com documentos para o Chefe do Estado



O José Vicente trata com meticoloso carinho da «escrita» que as suas funções lhe exigem

nha por esse preço». Eu respondi-lhe: «Deixe lá que tudo se há-de arranjar!»

E, ufano, José Vicente, confessa-nos: — Todos os dias ia ao mar buscar a água para o banho e nunca lhe faltei uma vez! Coitado, ele era um homem pobríssimo!

— Boa gente, então?! — Até fazia gosto servi-los. Sabe com quem o comparo, com o sr. Presidente Carmona.

Depois o velho criado, a quem não conseguimos ouvir um ligeiro senão acerca das pessoas a quem serviu, falamos dos outros presidentes mas sem nos dar pormenores.

— E todos foram seus amigos? — Não tenho razão de queixa de ninguém. Todos me trataram muito bem e por isso só deles posso dizer bem.

— E então diga-nos lá agora o que pensa do sr. general Carmona?

José Vicente suspendeu desta vez o seu sorriso e muito a sério, com entusiasmo ainda feroso para a sua idade, exclamou: — Parece que não há no mundo pessoa de quem eu mais goste.

O velho criado vai ser agora condecorado pelo sr. Presidente da República, justa recompensa da sua dedicação.

# O ATAQUE A LUBECK

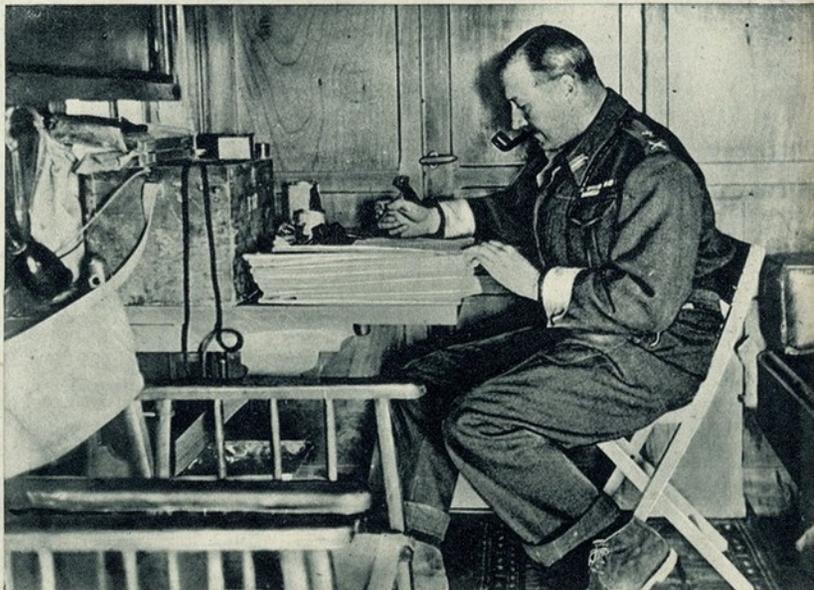
Prosseguem ininterruptamente na Inglaterra os exercícios de tropas paraquedistas. Constituem hoje um verdadeiro exército disposto a realizar as mais temerárias façanhas. Eis dois "Blenheim", lançando num campo uma nuvem de fumo, para ocultar os paraquedistas da observação aérea do "inimigo."



Na noite escura fusilam os relâmpagos da R. A. F. Lubeck é intensamente bombardeada. Parece a cratera de um vulcão em plena actividade. Fábricas, arsenais, gares, tudo é atingido por bombas incendiárias. As linhas contínuas são fogos em actividade e as ponteadas são outros que principiam



Aviadores alemães de um "Heinkel", que foi abatido quando tentava alcançar Suez. Mais uma vez se prova a eficácia do poderoso bloco anti-aéreo que defende o Canal



O general Ritchie, que comanda as tropas imperiais da Líbia, no seu quartel general estudando os planos de operações. Ritchie é como Lawrence e Wavell um veterano da guerra de deserto. Personalidade eminente de tático, com extraordinárias qualidades de audácia e decisão, o seu valor será decisivo nos dias gloriosos que se aproximam



Sir Stafford Cripps, que há dias passou em Lisboa, saindo da Embaixada Inglesa com Sir Ronald Campbell para ir ao Palácio de S. Bento, onde foi recebido pelo sr. dr. Oliveira Salazar



bramidos são como uma trovoadas no alto duma montanha. O homem sorri, e Dola, envolta no luar branco dos projectores que a marmorizam como uma estátua, parece mais bela, desafiando a morte. O seu *partenaire* avança, e executa os primeiros exercícios. As feras dão volta à jaula, e saltam sôbre os bancos mostrando-se iradas, terríveis. O público estremece. Será desta vez? Não! Dola trabalha agora, e os leões que não curvam a juba, como que estão apaixonados por ela. Aca-riciam o seu corpo de estátua com a pelagem macia e ardente. Ela entrega-lhe os seus braços magníficos, alabastros de pura forma, um dos quais está já entre os colmilhos da fera, inverosimilmente intacto.

Agora a cena é diferente. Talvez mais arriscada. A linda e varonil mulher escancara com as mãos delicadas, mas que parecem de aço, as mandíbulas de outra fera, e quasi a beija numa singular paixão. Tudo se passa em relâmpagos, que a retina mal colhe, entre os aplausos do público.

A multidão vibra arrebatada. Uma ovação tremenda desce em cacheira até à pista.

Dola sorri — é a estátua eterna da justiça, com os seus leões simbólicos, que tudo vencem e só perante ela se curvam, conscientes da sua fôrça e da sua grandeza!

## LEÕES NO CIRCO

É o grande momento do espectáculo! As feras rugem, e o público à volta da pista espera com ansiedade, os lances audaciosos de Dola e do seu *partenaire*. São três feras soberbas, de pelagem fulva, côr da areia dos desertos, fauces hiantes, garras poderosas que os focos potentes, como que estremunham, numa alvorada que não é a da selva. Os seus



Dola trabalhando com um dos seus leões

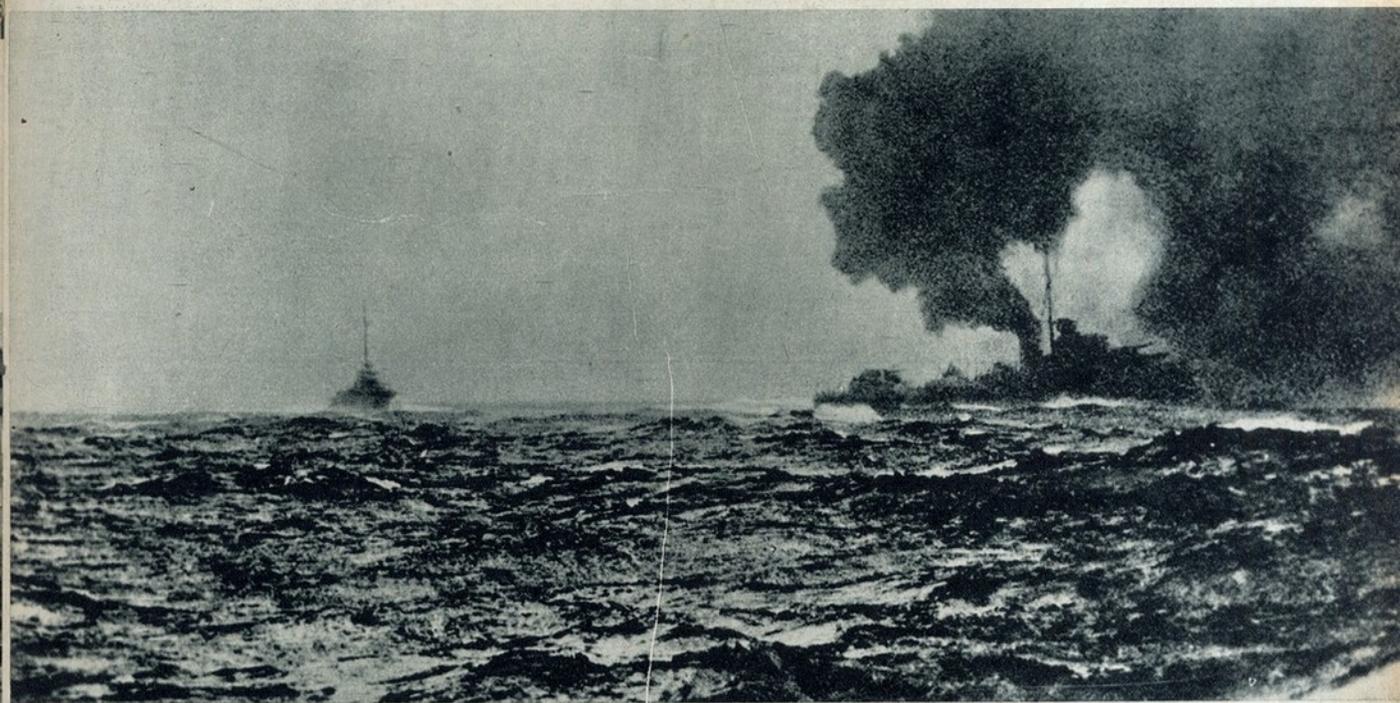


O público, arrebatado, aplaude o final do espectáculo

# O LITTORIO TORPEDEADO



Uma fase do ataque inglês. Os canhões do navio de guerra britânico alvejando com uma certa salva um cruzador italiano. À esquerda, um cruzador britânico, lançando uma cortina de fumo para cobrir o comboio de mercantes

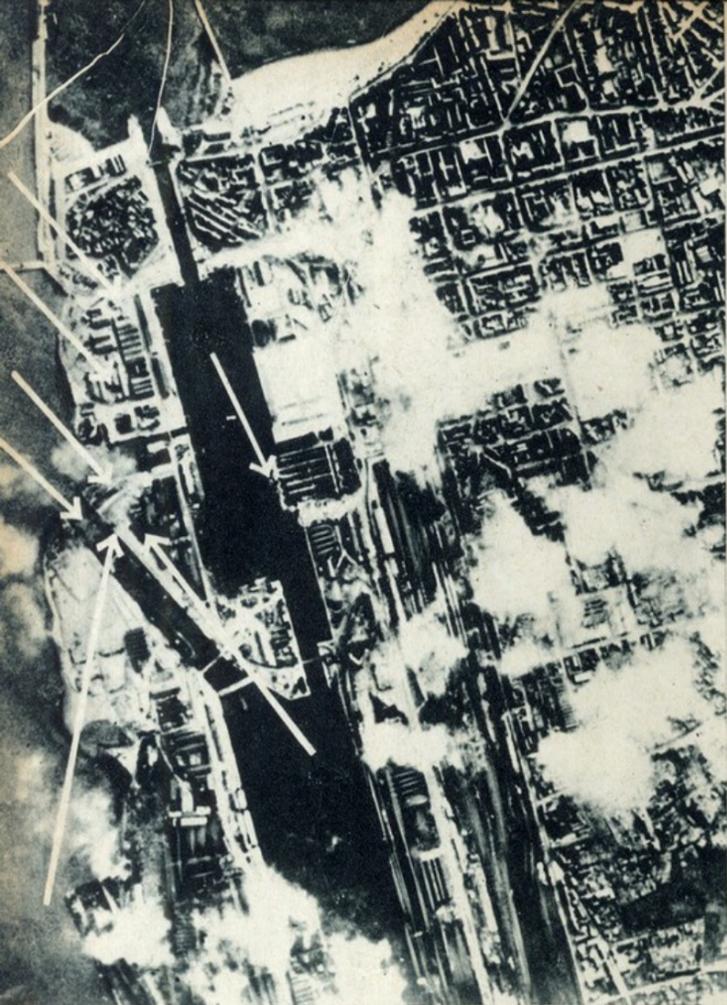


Um cruzador inglês que, constantemente, entra e sai na cortina de fumo por êle lançada para proteger o comboio de navios mercantes, a fim de atacar o inimigo. A concepção de manobra e a sua execução foram perfeitas

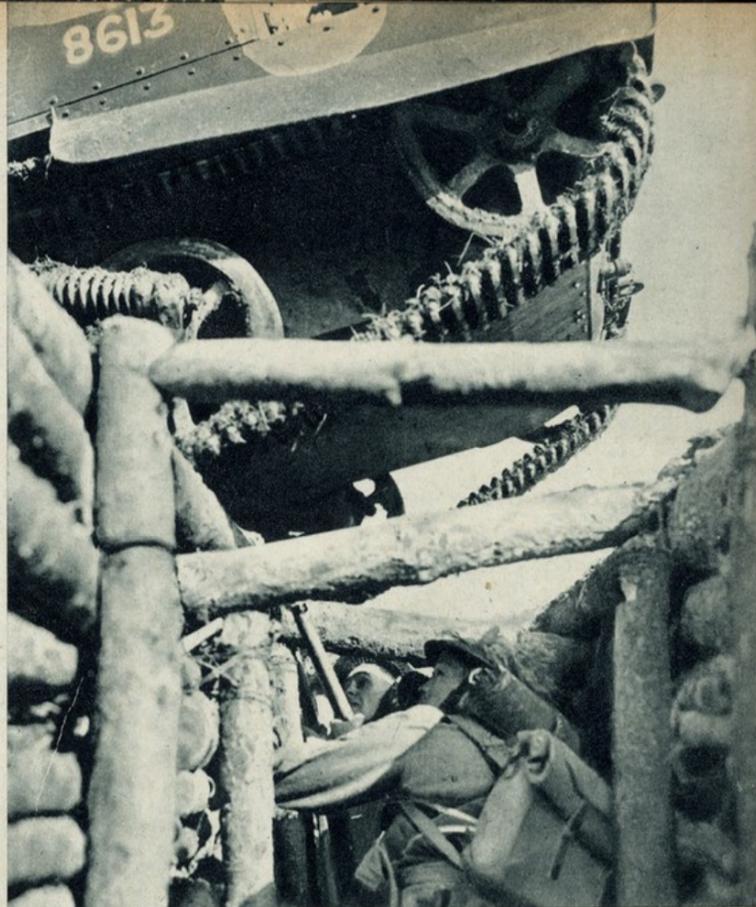
**M**AIS uma notável vitória da armada britânica no Mediterrâneo. Um comboio inglês dirige-se de Alexandria para Itália sob o comando do almirante Vian, protegido por unidades de guerra, no dia 12 de Março último. A esquadra italiana que, sistematicamente, se tem afastado da rota das unidades impe-

riais, aparece superior em número, com unidades de linha. A esquadra inglesa estabelece, a toda a força das máquinas, contacto com o inimigo. Este sofre perdas gravíssimas. O cruzador "Littorio," orgulho da armada italiana; é torpedeado e incendiado; outro é danificado, e um terceiro atingido. O inimigo desapa-

rece, rapidamente, sem que qualquer navio de guerra inglês tenha sofrido perdas. Ao contrário, apenas se perdeu um mercante, de pequena tonelagem. Esta brilhante façanha veio mais uma vez demonstrar a incontestável superioridade de manobra e a audácia inventível dos marinheiros da Royal Navy.



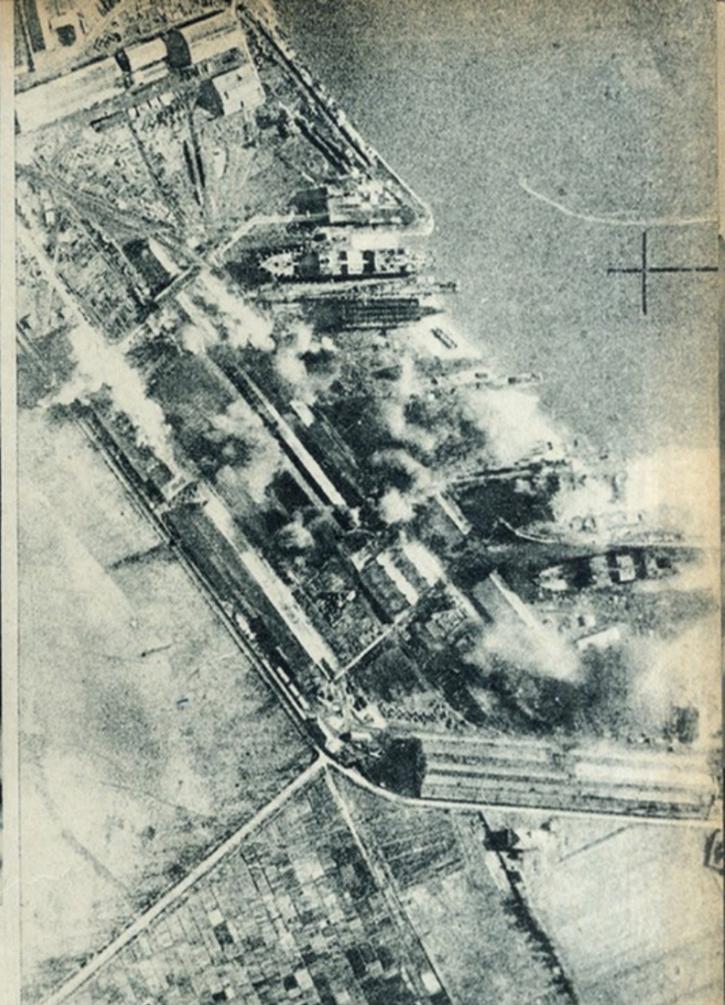
As forças aero-navais britânicas, numa audaciosa operação de conjunto, atacaram as instalações do inimigo no porto de Saint Nazaire. As docas e depósitos de combustíveis e matérias primas foram destruídos. As setas indicam as principais zonas atingidas pelas explosões das bombas da R. A. F. e dos explosivos colocados pelos "comandos". A porta da célebre doca, que podia conter o *Tirpitz*, ficou inutilizada. Este notável desembarque pode comparar-se ao efectuado em Zeebrugge na outra guerra



As tropas territoriais da Gran-Bretanha treinam-se intensivamente, a todas as horas, na tática da guerra moderna. Numa trincheira, os soldados ingleses defendem-se audaciosamente do *tank* "inimigo" que não consegue desaloja-los dos seus abrigos. Logo que ele passa atacam-na pela retaguarda com explosivos



A Armada Real inglesa domina o Mediterrâneo. As suas unidades de superfície e submarinas atacam implacavelmente os raros navios mercantes ou de guerra que se aventuram naquele mar. Os naufragos de um submarino do "eixo" afundado são recolhidos a bordo de um navio de guerra britânico



A R. A. F. prossegue ininterruptamente a sua esmagadora ofensiva sobre os objectivos militares e industriais da Alemanha e dos países ocupados. Granadas de 2.000 quilos, as famosas *block-bombs* caem sobre fábricas, depósitos de munições, de combustíveis e de víveres, instalações e fortificações militares do inimigo. Este flagrante documento fotográfico foi obtido durante um bombardeamento da R. A. F. a objectivos militares inimigos na região do Sena

# A OFENSIVA DE 1942



Num posto de Tobruk, os heroicos soldados ingleses lêem tranquilamente as últimas publicações recebidas da Gran-Bretanha, enquanto não sôa a hora do combate



Uma missão militar inglesa na frente Leste



Tobruk, a cidade invencível. Um templo atingido pelo fogo inimigo. Nas igrejas destruídas, o espírito religioso há-de renascer



*...Parecem capelinhas, com as suas asas de anjo, que nunca se cansam da faina*

# VELAS BRANCAS



*Estão paradas as velas do moinho. E o moleiro interroga o céu à espera de uma briza que venha beijá-las*

O vento passa e eles cantam o trigo doirado que se desfaz em pó. Criam referências românticas na paisagem, que parece mais bela, quando se divizam as suas velas brancas no esmalte azul do céu, manchado duma ou outra nuvem de primavera. São o testemunho do trabalho humano, que escala montanhas, na sua poesia arrancada à terra, sobre um abismo cortado a pique ou, então, na doce música das azenhas, ao pé dum rio de cristal, partido entre salgueiros, através dos quais o sol deixa cair lindas meadas de ouro. Parecem capelinhas, com as suas asas de anjo, que nunca se cansam da faina, já batidas pelo vento que, por vezes, as parece desprender, enfurecido de loucura, já suavemente embaladas, como se fôsem berços de madeira. Solitários, nas alturas, perdidos na imensidade, noite e dia, rangendo os mastros, eles vão de viagem, veleiros enfunados, pelo céu fora. A tempe-

tade açoita-os, rasgando-lhes as velas, estremece os fundamentos de pedra, mas lá dentro, nos rebolos da moenda, o pão flui sempre, na sua brancura imaculada, sagrado e puro.

Mas sucede-lhes também, tal qual os navios de vela, encontrar dias de calma, em que a mais leve aragem não passa à flor dos campos. Então, é vê-los parados, silenciosos, como que meditando no teso dos montes, deixando-se emaranhar pelas nuvens, ou envolver pelas remiges dos pássaros.

O quadro não deixa de ser mais belo, e não é, apenas, uma fotografia no lirismo luziada. É mais alguma coisa! A tradição e a história. O amor e a saudade.

Não foram os moinhos que deram velas às nossas caravelas para chegarem à Índia?

A guitarra do marinheiro é, afinal, a voz dos moinhos, saudades do céu e da terra de Portugal!



Foi a Gran-Bretanha a criadora das matérias plásticas, das quais, a primeira — o celuloide — foi descoberta por um sábio inglês de Birmingham. Eis uma fase do fabrico da xilonite: a pasta viscosa passa entre dois rolos de aço aquecidos



As substâncias plásticas desempenham, hoje, um papel de inestimável valor na indústria britânica, utilizando-se desde os objectos que nos são mais familiares até a construção de aeroplanos. A fase final do fabrico da xilonite — o polimento

# A Prioridade da Técnica Inglesa

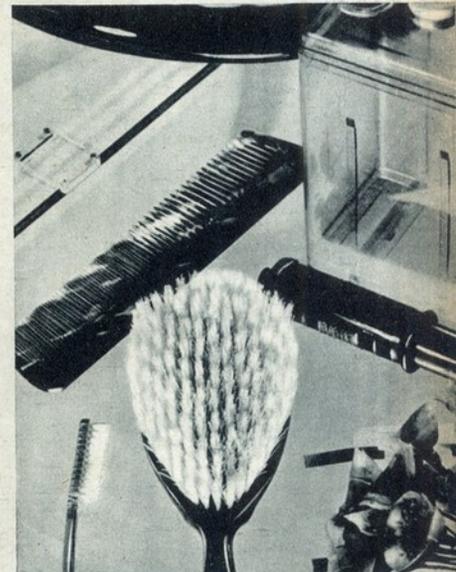


Numa fábrica inglesa de substâncias plásticas, um operário segue atentamente o trabalho da sua máquina

**D**ISSE, recentemente, um cientista célebre que de futuro não se saberá como utilizar o ferro, o aço, a madeira, e todas as outras matérias primas empregadas até agora na construção de casas, veículos, objectos domésticos, aviões e maquinismos. Afirmou que a maioria daqueles objectos e maquinismos eram fabricados com matérias plásticas, sucedaneos artificiais extraídos de fibras vegetais tratadas quimicamente. Se éle tem razão, o mundo muito ficará devendo à Gran-Bretanha. A história da descoberta das matérias plásticas é pouco conhecida, se bem que se pretenda atribuir à Alemanha o mérito da invenção dos substitutos industriais. No entanto, neste como noutros capítulos, a Alemanha não fez mais do que copiar e continuar. A época das matérias plásticas começou, de facto, há 78 anos no pequeno laboratório do sábio inglês Alexander Parkes, em Birmingham.

O betume é a matéria plástica natural que era já conhecida dois mil anos antes de Cristo, mas não foi senão quando Parkes empreendeu as suas experiências com o papel de seda e a cânfora que foi possível a primeira matéria plástica artificial.

Para o profano, o termo *plástica* designa a substância que, depois de um tratamento químico, pode ser dissolvida, fundida, transformada na sua estrutura



Alguns objectos de uso comum obtidas das «plásticas»: pentes, escovas, uma bomba de bicicleta, uma regua de cálculo, etc.

(Continua na pág. 29)



Uma analista de um laboratório de Lisboa trabalhando numa preparação química



Num importante estabelecimento hospitalar. A extração de sangue de um coelho para observação



Trabalhando ao microscópio. Na lamela, milhões de bactérias estão sendo cuidadosamente examinadas



Uma bancada de preparações biológicas para estudo de microorganismos



Uma preparadora trabalhando em instrumentos de observação microscópica

## COMO SE SALVAM VIDAS

VIVEMOS, hoje, a hora febril da incerteza. Num ritmo louco de vertigem a civilização vai, gritante e alvoroçada, acordar toda a gente, num bendito chamamento de progresso. Ninguém lhe pode negar a cooperação devida. O mundo inteiro seria, ainda hoje, uma caverna se, dos recôncavos da terra, o homem não surgisse, ignorante mas titânico de esforço, herói do músculo, golpeando florestas, subindo fragas e penhascos.

E, ao lado do homem, a mulher, sua companheira no correr veloz dos séculos, serve também a humanidade, no momento em que, fora do calmo horizonte do lar, vê um mundo novo, clamoroso, no ruído brutal das suas dores, esperando, confiado, a abnegação da sua alma.

E' assim a mulher-enfermeira. A que vigia, extenuada, vencida dum mourejar contínuo, mas que, à cabeceira da cama, no catre do hospital, como atenta sentinela, procura aconchegar a roupa que o delírio da febre arremeça para longe, levando aos lábios ressequidos do doente a esponja molhada — que sofre, vendo sofrer. Admirável exemplo de abnegação!

No estertor duma agonia — a enfermeira, de bata branca, é a primeira pomba da paisagem celeste! Bem depressa a mulher vence pelo seu amor ao estudo.

Madame Curie, trabalhando nos laboratórios, entre retortas, consumindo a existência, santamente, em holocausto da humanidade, não é um exemplo, é uma epopeia escrita em louvor da ciência e da salvação do homem.

Quantas mulheres não vivem, obscuramente, queimando a formosura à luz das retortas, dobradas à mesa dos ensaios, esperando reacções?

Na química é onde a mulher mais labuta. Nesses laboratórios, nos institutos, nos hospitais em gabinetes de análises clínicas, a mulher tem um papel preponderante. A retorta, a proveta, o tubo de ensaio, a cam-

pánula, fazem parte da sua vida. E' das suas mãos hábeis, da sua capacidade intelectual, que a humanidade doente, todos os que sofrem, esperam melhorar...

As análises do sangue — em que o sangue dum jovem aparece fraco de glóbulos, em que a luta do micróbio é indicio de grave enfermidade, tudo isso é doloroso de observar. Tarefa espinhosa, sacrifício tamanho para quem, como a mulher, tem a arder no peito aquela chama perene do amor de mãe. A vida do laboratório, além disso, é arriscada. A preparação do cloro produz sufocações, infiltra-se nas mucosas, perfura os tecidos. O mesmo acontece com o fósforo, que se incendia ao simples contacto com o ar. E' precisa a precaução apurada, grande serenidade e, sobretudo, uma prodigiosa atenção. O carbono, é dos elementos de mais funestas consequências nos trabalhos de laboratório.

A ciência, dia a dia, hora a hora, singra, luminosa, arrastando pelas trevas o clarão da sua marcha triunfal. A humanidade inteira curva-se — mas vai esquecendo os nomes dos seus benfeitores...

Toda a gente conhece o «rádio» — mas quem já não olvidou os médicos que tombaram, aureolados de glória e martírio, por se dedicarem ao seu estudo?

O mundo não fixa — ou há-de criar lenda ou esquecer, no tumulto da vida.

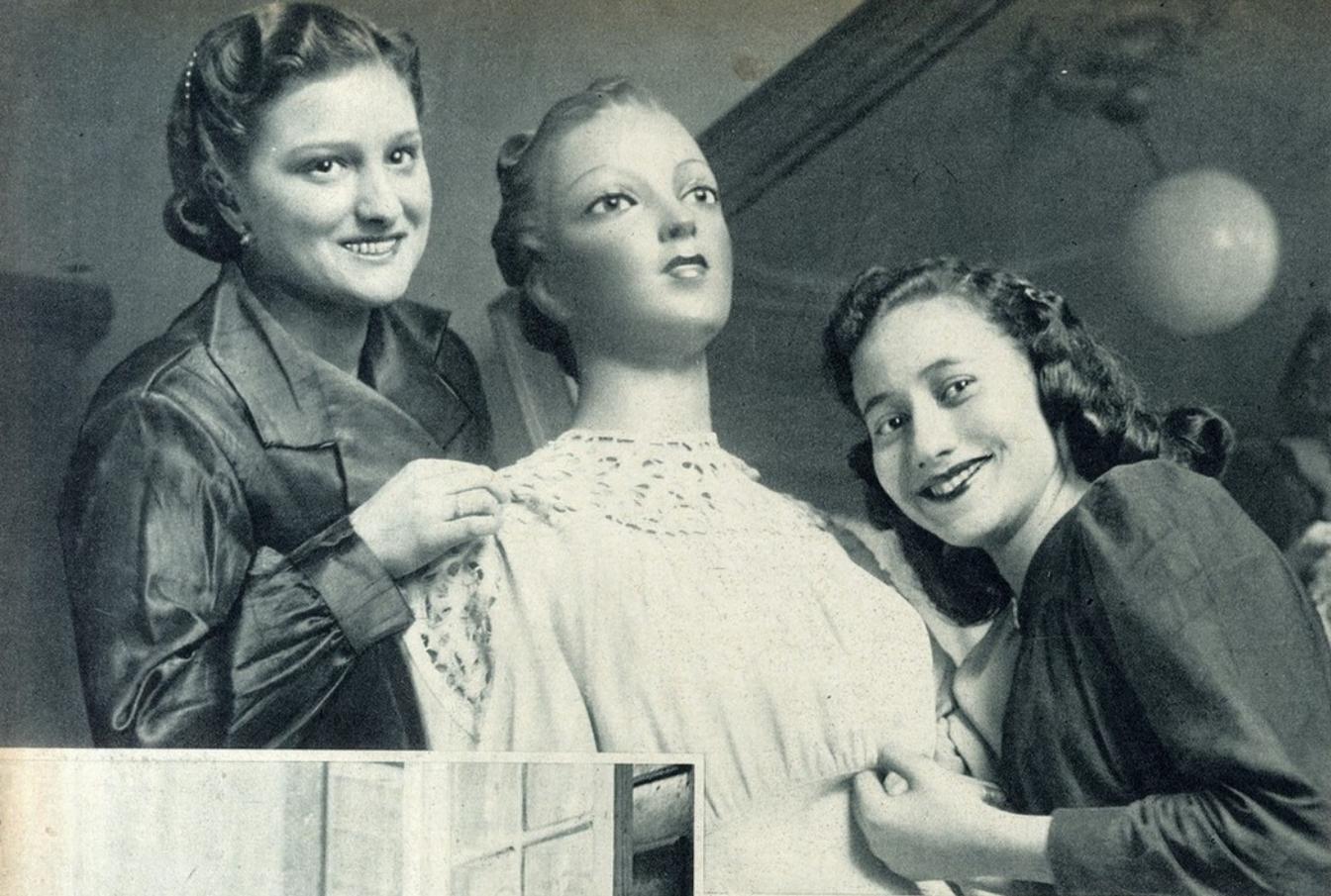
A mulher do laboratório vela pela segurança da humanidade. No seu posto, corajosa, é uma sentinela vigilante, nesse grito altaneiro de alerta! Sacrificando à ciência o melhor entusiasmo duma mocidade sorridente, ela, espera suavizar dores onde há chagas — sem, todavia, lhe advir o tributo de gratidão.

Nobilitando uma profissão — de vigília pela vida dos outros, consumindo a sua, a mulher do laboratório, é um símbolo vivo de filantropia.

MANUEL MARTINHO



Do resultado da reacção destes dois líquidos pode depender a vida de muitos doentes



*Qual delas é mais bonita, incluindo o manequim?*

## A SEMANA DA COSTUREIRA

**A** DEANTOU-SE mais uma hora aos relógios só para que a sua *semana* começasse mais cedo. Foram rainhas, estas princesas morenas de agulha de ouro e dedal de prata que, nos aviários ruidosos dos ateliers, entretecem frouxeis de rendas, cingem aos corpos esbeltos, moldando-os, espumas de sedas, ou então, brocados de arminhos de imaginários mantos de fantasia e de sumptuosidade. São lindas as costureiras de Lisboa. São mesmo as suas andorinhas. Quando estas partem, nos primeiros desalentos do outono, elas ficam, noivando as ruas, para que haja sempre nelas asas e violetas. Entram, de manhã, aos bandos, quando há sol ou sob a chuva miúdiinha, deligentes, pontuais, na bocarra voraz dos grandes armazens, nas oficinas modestas de costura ou, então, nos salões dourados das costureiras. Cada uma tem o seu romance, e muitas o seu poeta.



*Maria Dulce trabalha em casa. Tôda a sua riqueza é o Faisca, sempre alerta aos carros de linha que lhe caem do regaço*



*Estão todas contentes. Durante uma semana, estas princesas de agulha de ouro e dedal de prata são as rainhas de Lisboa*



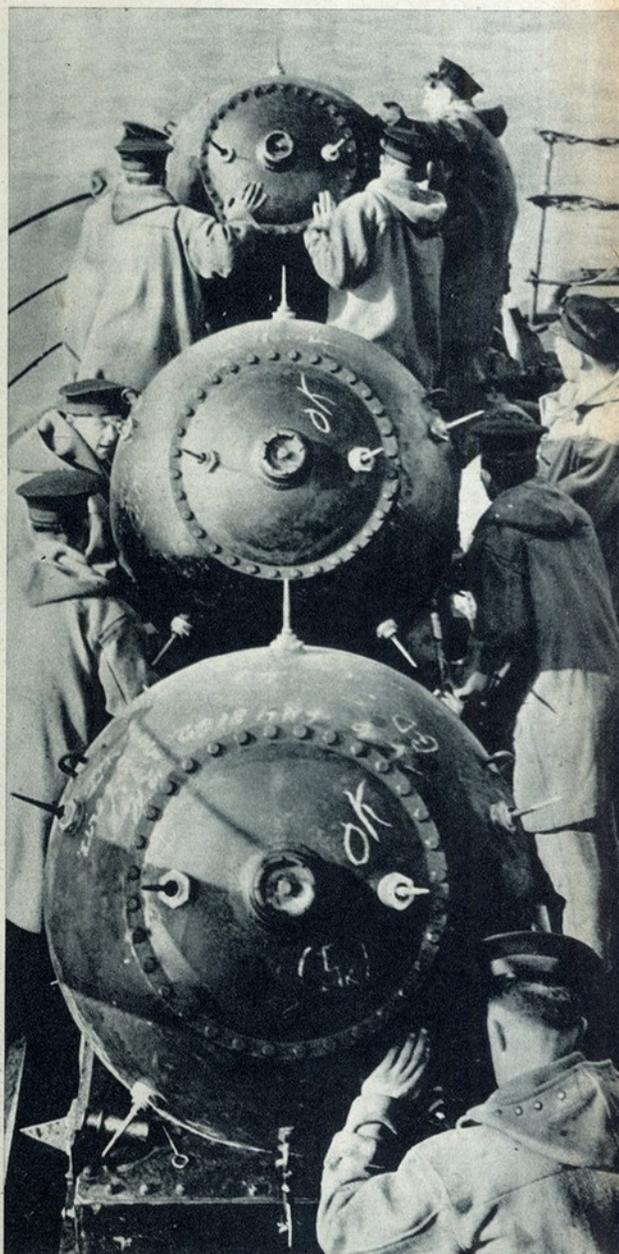
A jornalista americana Dorothy Thompson visita um navio de guerra das forças livres francesas, que combatem com as nações unidas, e no qual se lê a famosa legenda "Honneur et Patrie"



Trofeus de guerra. A cruz gamada no leme dos aparelhos diz tudo. Agora que a força aérea das nações unidas adquiriu a supremacia, este espectáculo tornou-se vulgar



Ao centro lord Louis Mountbatten a quem Churchill confiou o cargo de chefe das operações combinadas sobre a Europa. É o oficial mais novo dos altos comandos ingleses. Foi ele quem planejou os raids a Vaagso, Bruneval e S. Nazaire. Ei-lo estudando operações de guerra numa maquete



O bloqueio inglês aos países do eixo é implacável. Não são apenas as forças navais e aéreas que o exercem mas também estes pequenos navios que constantemente semeiam de bombas as águas de inimigo

# MEMÓRIAS DE CHURCHILL



O Primeiro Ministro passa revista aos heróicos «comandos» que tantas vezes se têm distinguido em «raids» audaciosos às regiões da Noruega e do norte da França ocupados pelo inimigo



Mais um «raid» ao litoral da França ocupada, desta vez ao posto de Brunneval, ao norte do Havre. Todos os objectivos foram rigorosamente atingidos



Depois de um «raid» à costa francesa da Mancha, onde foi destruído um importante posto de radio alemão, os «comandos» regressam vitoriosos à Inglaterra, com grande número de soldados inimigos capturados

Não mais se verá nada semelhante à batalha de Omdurman. Foi o último dos combates espectaculosos cujo esplendor e cuja majestade contribuíram para aureolar a guerra de glória. Tudo se percebia, à primeira vista. Os exércitos avançavam e manobravam na superfície das planícies desérticas que o Nilo, parecendo umas vezes de aço e outras de bronze, atravessava sinuadamente. A cavalaria, com as suas lanças, carregou em boa ordem; a infantaria, em filas cerradas, aguardava o embate. A cena desenrolava-se no meio das colinas rochosas que ladeavam o rio imenso. Por vezes avistavam-se toalhas de água imaginárias que a cortavam ou a embrulhavam. As formas concretas apresentavam-se com uma grande nitidez, como se fôsem cinzeladas, para depois se fundirem numa bruma irreal e ilusória. Onde nós sabíamos que apenas existia a imensidade desértica viam-se superfícies aquáticas onde as tropas em marcha mergulhavam até ao joelho. Víamos as baterias de artilharia e as extensas colunas da cavalaria emergirem dum mundo vago de cristal para subirem até à areia dura e tomarem posição, entre os rochedos selvagens, vermelhos, e pretos com sombreados

(Continua na página 30)



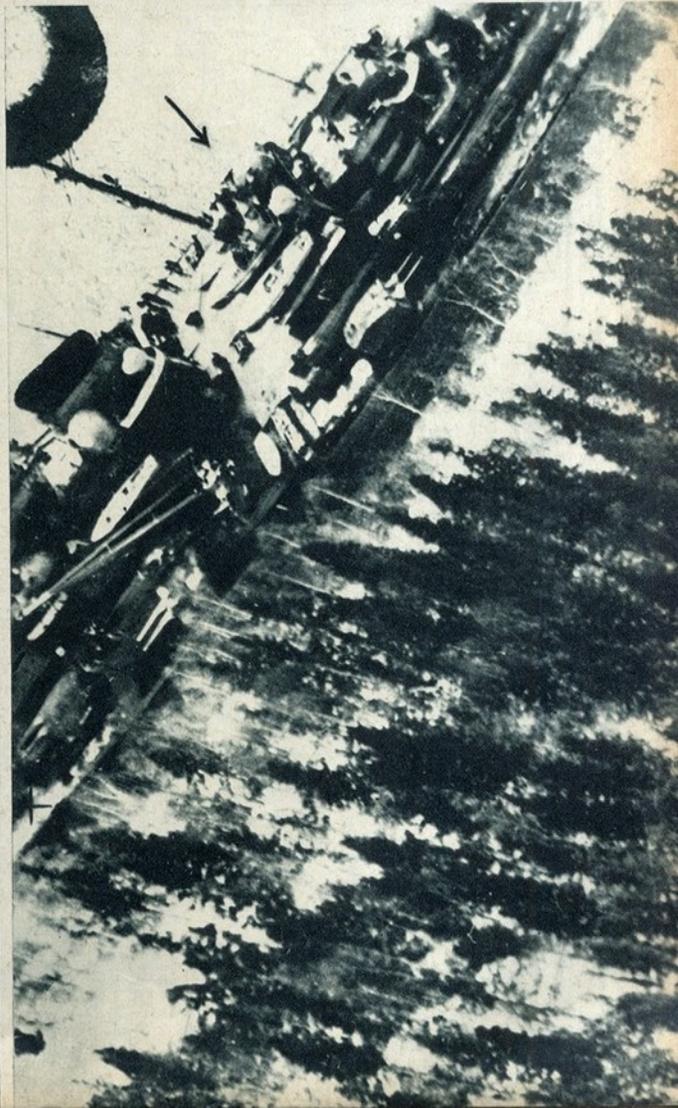
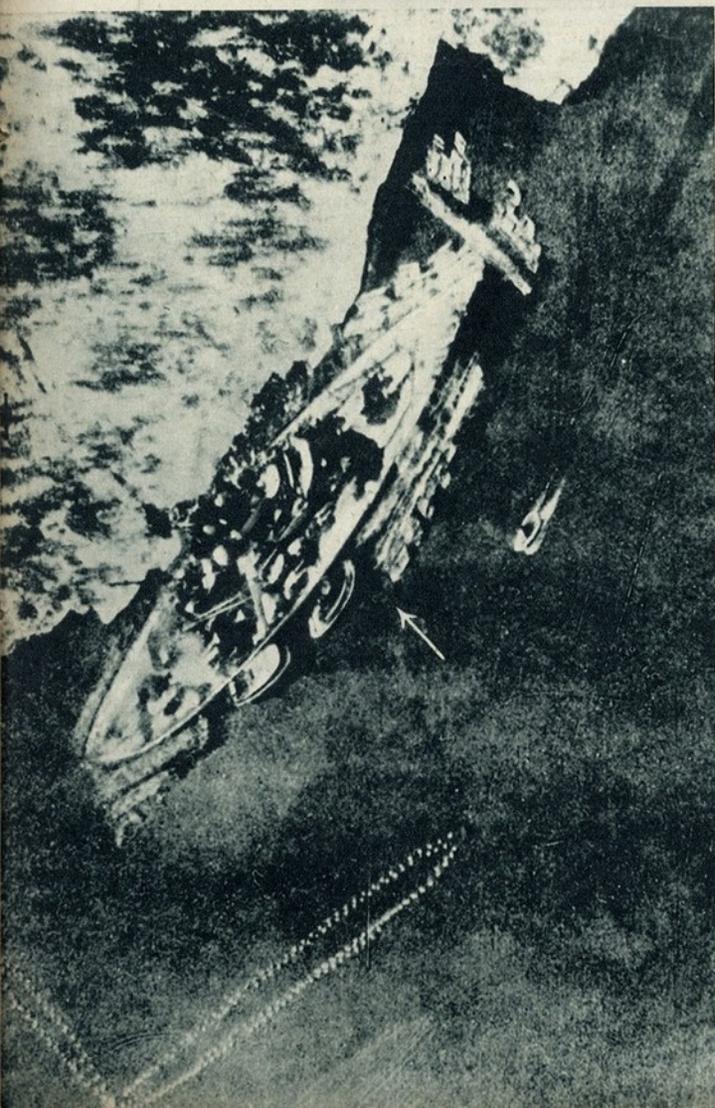
As tropas de assalto da Grã-Bretanha são submetidas diariamente a uma preparação intensíssima. Ei-las em exercícios de desembarque em colaboração com a R. A. F. e forças paraquedistas

A esquadra alemã está, como na outra guerra, imobilizada. Depois do "Scharnhorst", e do "Gneisenau", terem sido obrigados pela R. A. F. e pela Armada Real a refugiar-se, com importantes avarias, nas bases de Kiel e de Wiselmshaven, o "Tirpitz", perseguido pelos bombardeiros ingleses do Comando Costeiro, quando tentava uma incursão no Mar do Norte para atacar os comboios britânicos que se dirigem com material de guerra para a Rússia, teve de procurar refúgio num fiord a nordeste de Tromdheim, na Noruega.

Na fotografia da direita, o "Tirpitz", perseguido e atacado pelos aviões ingleses, que o atingiram gravemente com bombas de grosso calibre, desvia a sua rota e foge, a plena força das suas máquinas, para uma zona considerada segura da costa norueguesa. Mas os aparelhos da R. A. F. não o perderam de vista, localizando-o imediatamente. Em baixo, dois documentos obtidos pelos pilotos do Comando Costeiro mostram o couraçado alemão, com os estragos provocados pela metralha, no fiord de Trondheim. Apesar dos trabalhos de camuflagem para escondê-lo à observação, os aviões britânicos, renovando constantemente os seus ataques, obrigam-no a manter-se inactivo.

# OS OLHOS

# DA R.A.F



# PAGINA FEMININA

DE AURORA JARDIM



Um prático vestido de sport

## O Saia - e - Casaco

QUANDO o Inverno acaba, dizemos logo: — preciso dum casaco não muito quente para a meia-estação.

E faz-se o casaco, mas chega o mês de Maio e logo a gente não quer estar senão em *tailleur*. Então, porque se não há-de fazer logo este? Com blusas mais ou menos quentes, está sempre bem. Quem quiser, pode ainda guarnecê-lo com uma pele de pêlo raso, mas o melhor é não lha pôr, visto que, assim, poderá entrar pelo Verão dentro. E nas tardes frias há sempre as raposas.

Os coletes usam-se muito este ano. Eram, no Inverno, de pele ou de *tricot*; agora fazem-se numa lã de tom diferente ou então em seda lavável e clara.

O casaco permanece bastante comprido alguns *tailleurs*, mas noutros, principalmente quando os tecidos são leves, torna-se mais curto. Os outros são direitos mas sem excesso. As mangas, lisas. Abotôa até acima tendo pequenas bandas — ou não tendo nenhuma. Quando a blusa as tem, colocam-se para fora, obtendo uma nota de côr diferente.

Sempre as algebeiras, mas guarnecidas com incrustações, franzíngas, botões, aplicações, etc. Ora são quadradas, ora redondas. E nelas que se colocam as guarnições que estão muito em voga e são consti-

tuidas por bordados a côres ou em *soutache*, com desenhos encordoados e nervuras.

A saia, em geral, é direita e como é bastante estreita, tem uma abertura ao lado. Outras são animadas por pregas que abrem bastante abaixo — estas são as do *tailleur* de tarde. Tôdas, bastante curtas.

Também se vê muito o *sala-e-casaco* de dois tons e de diferentes tecidos: liso e escocês ou quadriculado.

A blusa é a nota espiritual do *tailleur*: com o de manhã usar-se-á a *chemisier*, clássica, em lã ou seda lisa ou escocês; com o de tarde, usar-se-á a de *lingerie* que representa a mais delicada nota da elegância feminina.

Uma mulher vestida de *sala-e-casaco* está sempre bem em tôda a parte — distinguindo a horas e, portanto, os tecidos e os feitios, é claro.

## Conselhos de Beleza

*Tem manchas escuras na pele?*

Aplice-lhes um cozimento de flôr de sabugueiro, à noite. De manhã, lave o rosto em água morna.

*Tem a pele gordurosa?*

Faça uma boa máscara com clara de ovo, batida em castelo, ou antes em ponto de suspiro, para ser mais compacta. Junte-lhe sumo de meio limão e uma colherita de mel. Mexa bem. Aplice no rosto durante 15 minutos. Lave em seguida.

## OVO DE COLOMBO

Há problemas cuja resolução se apresenta duma simplicidade cristalina. Mas, na prática, surgem pequenas dificuldades. Ora, vejamos alguns:

— Quere que a carta chegue depressa?

● então, não ponha o selo num sitio qualquer. Coloque-o no alto, à direita.

— Quando deita vinho nos copos, serve primeiro as senhoras?

● primeiro, deite uma gota no seu, para lá ficar algum bocadito de rôlha que tenha podido aparecer.

— Quando diz «obrigada», deixa cair essa palavra, como tira o impermeável ao chegar a casa?

● deve mostrar que está realmente grato e acompanhar a palavra com um sorriso.

— Num eléctrico, oferece o seu lugar espontaneamente ou olha primeiro para aquêles que o deveriam fazer antes de si?

● se hesita muito, depois já não tem valor.

— Se, à mesa, está entre duas senhoras da mesma idade e categoria, a qual deve dirigir-se primeiro?

● à da direita.



A simplicidade é a principal característica destas duas blusas

## CASA QUEY

Hosiery Spécialists

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

RUA SERPA PINTO, 18

## OS DOZE DE INGLATERRA

(Continuação da pág. 1)

e gestos da sua dama, e o apaixonado interesse da multidão.

Não é um torneio a brincar, é um combate a sério:

"Dos cavalos o estrépito parece  
"Que faz que o chão debaixo todo treme;  
"O coração, no peito que estremece  
"De quem os olha, se alvoroça e teme.  
"Qual ao cavalo vos, que não dece,  
"Qual, co'o cavalo em terra dando, seme;  
"Qual vermelhas as armas faz de brancas,  
"Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas"...

Morrem, ao que parece, alguns ingleses, mas os doze portugueses ficam todos incólumes.

É Camões conclui, numa rápida visão da violência da peleja:

"Gastar palavras em contar extremos  
"De golpes ferros, crua estocadas,  
"E' d'esses gastadores, que sabemos  
"Maus do tempo, com fábulas sonhadas.  
"Basta, por fim do caso, que entendemos  
"Que, com finezas altas e afamadas,  
"Co'os nossos fica a palma da vitória  
"E as damas vencedoras e com glória"...

Glória, vitória anglo-portuguesa ou luso-britânica, ajinal. Se anônimos guerreiros ingleses ficam derrotados, os portugueses, triunfando, fazem triunfar também os direitos a ser respeitada e acatada a extrema sensibilidade da alma inglesa em casos de dignidade, de pondunor e honra ultrajada...

Embora haja razões de peso para crer que Magriço existiu e foi guerreiro experimentado, nada nos garante a verdade da lenda dos Doze de Inglaterra. Pelo contrário. José Pereira de Sampaio (Bruno) demonstrou exaustivamente que essa lenda era «simples adaptação portuguesa imaginária da realidade histórica das justas de Ricardo II de Inglaterra, de parceria efectuada com seu tio, o Duque de Lencastre» (1). E Teófilo Braga, que parece desejar muito que a lenda seja autêntica história, aceita a interpretação de Bruno e, em suma, limita-se a confirmá-la, no seu amplo estudo sobre «Camões». Interroga, no entanto: — «onde colheria Camões essa tradição nacional»? Os sábios responderão à pergunta. Talvez o poeta a ouvisse contar a uma ou mais pessoas, e, sensível, ao pitoresco e grandeza dessa criação espontânea ou quasi espontânea da imaginação popular a aproveitasse para construir um dos mais característicos episódios do seu poema. O cavalheiresco sabor da atitude da nossa gente, o impeto leal do combate, a amável presença do Duque de Lencastre, e a generosidade dos vencedores que não oprimem os vencidos com nenhum dito ou vaia, mas se limitam a gozar alegremente o triunfo — tudo isso está no episódio de «Os Lusíadas» e, porventura, estaria, mas só esboçado, de certo, na primitiva versão da lenda. Alguma coisa mais esta nos diz, todavia. Vêmo-lo hoje, e sem possível erro: a tradição, a fábula dos Doze de Inglaterra é e vale como o símbolo poético da antiga amizade ou aliança luso-inglesa, baseada e cimentada na fraternidade de esforços e trabalhos tanto na guerra como na paz. Magriço nunca foi a Inglaterra, ainda que no estrangeiro viajasse, pelejando, ao que parece, em Bar-le-Duc contra Pedro de Brabant «denominado Clignot, almirante de França». Nem à Inglaterra foram os seus supostos companheiros, entre os quais uma relação de fantasia, publicada no folheto «Desafio dos Doze de Inglaterra», (1732), até Alvaro Vaz de Almada, futuro Conde de Abranches, audaciosamente menciona. Então porque surgiu e Camões a aceitou, dando-lhe forma definitiva, a ficção célebre, que Jorge Ferreira de Vasconcelos no «Memorial dos Cavaleiros da segunda Távola Redonda», cita como exemplo ilustre do «aballado e raro grau de cavalaria» dos lusitanos? E em torno de que núcleo de verdade histórica e de realidade patriótica veio a cristalizar a sugestão alheia das justas de Ricardo II e, provavelmente do recontra de Magriço e de Clignot? Só em torno dum poder ser: — da lembrança evocadora da solidariedade e perante adversários e ameaças comuns.

Pelo menos nesta convicção ou nesta crença respiramos agora o seivoso perfume da aventura dos Doze de Inglaterra, cavaleiros fieis e defensores desinteressados dum causa nobre e lírica. Batendo-se pela dignidade de ternos corações britânicos, eles de qualquer modo agradeciam o precioso auxílio das hostes guerreiras aqui trazidas e comandadas pelo Duque de Lencastre, «ingleses potentes» e bem conhecedor da firmeza e da coragem lusíadas...

João de Barros

(1) «Os Doze de Inglaterra», na «Revista Literária do Seculo», dirigida por Eduardo Schwabach, de 3 de Junho de 1906.

## Campanha de Leste

A campanha de inverno na frente oriental durou, aproximadamente, quatro meses. Iniciada em 7 de Dezembro de 1940 pode dizer-se que terminou em 7 de Abril de 1942. Antes da primeira destas datas pode considerar-se uma quinzena (composta pela última semana de novembro e pela primeira semana de dezembro) que deve, com propriedade, integrar-se na campanha de inverno. Também o mesmo critério deve aplicar-se à quinzena de abril compreendido entre 7 e 21 deste mês, pois só a última semana de abril foi, ao longo de toda a extensão da frente, caracterizada pelo fenómeno do degelo.

Assim, não é exagero afirmar que a campanha de inverno na Rússia se prolongou ao longo de cinco meses.

Quando o inverno surgiu na frente oriental, os alemães não tinham alcançado nenhum dos objectivos essenciais que se propuseram ao invadir a Rússia. Quere dizer que não lhes foi possível conseguir nem a posse de Leninegrado e Moscovo nem a ocupação do Cáucaso.

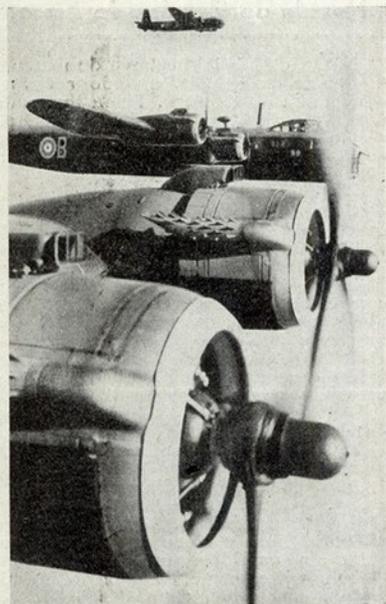
O balanço da campanha de inverno pode resumir-se assim: O recuo alemão de Rostov para Taganrog venceu o início da reacção no sentido da luta e traduziu a capacidade da reacção das forças soviéticas (última semana de Novembro de 1941). O exército do general von Kleit abandonou, de momento, a pretensão de alcançar os jazigos petrolíferos do Cáucaso. Os alemães fixaram-se em Taganrog e não mais deixaram esta cidade. No último posto da frente os russos libertaram Tikhvin, aliciando o cerco de Leninegrado e atravessaram Volkhov.

No resto da frente as transformações operadas coincidem com uma progressão territorial mais ampla. No sector central os russos ocuparam Kalinine, Klin, Yeletz, Mojaisk. Formaram uma profunda bolsa entre — Viazma e Smolensko que não conseguiram fechar mas onde a sua acção se tem trazido por perdas avultadas para o adversário. Estes resultados caracterizaram o periodo que medem entre 7 e 30 de Dezembro do ano passado. Foi nesta fase das operações que os russos realizaram uma progressão territorial mais acentuada. Os últimos dias de Dezembro foram assinalados por um desembarque russo na Crimeia com a reconquista de Teodosia, que se não mantém, e com a reocupação da península de Kertch. Em Janeiro, os russos desafrontaram completamente Moscovo e conseguiram êxitos apreciáveis na Ucrânia Oriental.

Em Fevereiro e Março a intensidade dos avanços russos diminuiu. A táctica soviética passou a usar, de preferência de linhas férreas. A ofensiva desencadeada a parte dos montes Valdai atingiu a Rússia Branca e ultrapassou a cidade de Kholm. Mas estes resultados não coincidiram com a ocupação efectiva do terreno situado à rectaguarda daquele centro de população. Foi nesse periodo que a luta de guerrilhas se intensificou e as perdas em efectivos se tornaram mais sensíveis. O fim de Março e o começo de Abril mantiveram as características assinaladas no periodo anterior. O exército do general von Busch, cercado em Staraya Rusa, embora com baixas sensíveis, não se rendeu.

No fim do inverno a linha de batalha russa, com as extremidades em Schlüsselburgo e Taganrog, passa pela margem ocidental do Volkov e por Staraya Russa, alonga-se até Kholm, e depois por Velikje Lupi atravessa a Ucrânia Branca seguindo depois por Rzev, Viazma, Briansk, Orel e Krunsk (cidades em poder dos alemães) até Karkov e a bacia de Donetz.

Carlos Ferrão



Uma esquadilha de bombardeiros «Stirling» no céu do inimigo

# O MORIBUNDO

Novela de Guedes de Amorim

ANTÓNIO Gabriel acabava de meter-se entre os lençóis, quando retiniu a campainha do telefone. Ficou intrigado. Quem seria? Atravessou-lhe o espírito o receio de que tivesse sucedido alguma coisa na fábrica onde desempenhava funções de engenheiro-gerente.

— Quem fala?

Custou-lhe a compreender. Uma voz desconhecida com dialecto galego, repetia-lhe que fôsse urgentemente à «Pensão Amaranquina». Seria engano? Seria erro de ligação? Perguntou se era justamente com êle, engenheiro António Gabriel de Sousa, que queriam comunicar. Que sim, que era com êle próprio. Mas, para que o chamavam? A voz, do lado de lá do fio, esclareceu que quem solicitava a sua presença era o sr. Mascarenhas, Francisco de Mascarenhas, de Mondim, recém-vindo no «rápidos do Norte».

— O senhor Mascarenhas? Mas, quem é?

Arrependeu-se imediatamente da pergunta. A-final, conhecia muito bem «o senhor Mascarenhas». Não o via, porém, há bons vinte e cinco anos, desde que deixara a sua aldeia para vir fixar-se em Lisboa, trabalhar e estudar ao mesmo tempo, com o legítimo desejo de ser alguém. Que lhe queria o sr. Mascarenhas? Perguntou-o e obteve apenas esta inquietante resposta:

— Venha depressa. Êle está quasi a morrer...

DENTRO do «taxi», que o conduzia agora a uma das ruas pombalinas da Baixa, onde ficava a «Pensão Amaranquina», o engenheiro António Gabriel pensava, preocupado, naquela seu velho contêrraneo Mascarenhas, tão inesperadamente chegado de Mondim e, ainda por cima, em estado grave. Era esquisito, era mesmo muito estranho que isto succedesse. Por que motivo não o tinha avisado da sua chegada?

Que lhe queria o Mascarenhas? Enquanto o «taxi» deslisava, António Gabriel recordava a figura do contêrraneo. Era um homenzarrão, alto como uma torre, hercúleo, com fartos haveres, cujas paixões se resumiam em ter bons cavalos, para exhibir nas feiras e romarias circunvizinhas, e ir à caça, com uma matilha de cães. Bom homem, embora de poucas palavras. A sua casa, a maior e melhor da aldeia, ficava próximo da igreja e da escola. Solteiro, vivia com uma irmã, mais velha do que êle uns dez anos. Os pobres da povoação elogiavam-no, diziam que êle possuía um coração de santo, mas havia, também, quem o acoimasse de fajardo e sovina. António Gabriel não podia deixar de estimá-lo. Quando saía da escola, e adregava de encontrar-se com o sr. Mascarenhas, recebia dele carinhos e prendas. Muitas vezes, até, levava-o consigo a casa, dava-lhe figos, maçãs, biscoitos e, de longe em longe, dinheiro. Os companheiros de António Gabriel punham-se a rir, certamente de inveja, quando êle lhes mostrava o que o Mascarenhas lhe havia dado. Não se recusavam, porém, a comer dos figos e dos biscoitos recebidos. A mãe de Gabriel é que rejeitava aceitar o dinheiro que vinha daquelas mãos. Frequentemente proibia o filho de falar com «aquela pessoa» e de aceitar-lhe fôsse o que fôsse. Algumas ocasiões, como visse a sua vontade desrespeitada, chegava mesmo a bater-lhe. António Gabriel, por uns dias, por umas semanas, evitava então, encontrar-se com o sr. Mascarenhas. Se o via de longe, fugia-lhe; se êle o convidava a acompa-



Dentro do «taxi», o engenheiro António Gabriel pensava naquela seu velho contêrraneo...

nhá-lo a casa, simulava pressa e afazeres para não provocar a cólera materna.

— Por que motivo a mãe não gosta do senhor Mascarenhas?

A esta pergunta, feita num momento de irremovível e intrigada curiosidade, António Gabriel obteve da mãe a seguinte resposta:

— Porque êsse homem é nosso inimigo...

— Fez-lhe algum mal a vocemecê?

A mãe ficou um pouco confusa e só respondeu após um largo momento:

— Não; não foi a mim. Foi a teu pai...

Era de noite. Estavam à lareira. E depois da magra ceia, Gabriel, picado de curiosidade, quis saber notícias do pai e o que é que o Mascarenhas lhe havia feito...

— O teu pai anda lá pelo Brasil, a trabalhar. Talvez um dia conheças o resto... Agora, vai deitar-te...

Dessa ocasião para diante, Gabriel nunca mais olhou de frente para o Mascarenhas. Ganhou-lhe rancor. Deixou de lhe aceitar fruta ou dinheiro. Quando a mãe morreu, viu-o entrar no seu casebre e ajoelhar diante do cadáver. Depois do entêrro, quis, até, levá-lo consigo. António Gabriel negou-se terminantemente a obedecer-lhe. Não o julgava mau, não desconfiava das suas bondosas palavras, mas, no íntimo, achava que devia manter-se em reserva diante daquele homem a quem sua mãe odiava.

Aproveitando a companhia de almoceiros, deixou a aldeia e veio para Lisboa. Correu dezenas de profissões, executou misteres de escravo e, pouco a pouco, foi subindo na vida. Estudou. Fez-se à sua custa. Finalmente, triunfou. Agora, embora solteiro, era um homem feliz. A sua profissão de engenheiro dava-lhe mais, do que precisava para viver.

QUANDO saltou do «taxi», António Gabriel, interrogou-se a si próprio: «A alma de minha mãe não me amaldiçoará, lá do outro mundo, por aceitar o convite dêste homem?» Mentalmente, explicou e desculpou a sua atitude. Um doente, um doente que se dizia às portas da morte, pedia a sua comparência. Humanamente, cristãmente, não tinha o direito de recusar-lha.

Subiu ao terceiro andar. Um criado levou-o pelo corredor, mal iluminado, até o fundo. Informou:

— E' aqui. Está muito mal...

Abriu-se uma porta e saiu um homem, ainda novo, com uma pasta suspensa da mão. Era o médico. Esclareceu:

— Não dura meia hora...

António Gabriel entrou só no quarto. Atrás de si, o servo fechou a porta com cuidado.

O doente parecia dormir. Gabriel, mesmo sem vontade, olhou-o, enternecido. Estava tão velho, tão mirrado, tão diferente do Mascarenhas que êle conhecera! Para que o havia mandado chamar? O enfermo entreabriu as pálpebras e inquiriu:

— E's tu, Gabriel? E's tu meu filho?...

O engenheiro, ao ouvir estas palavras, sentiu-se trespassado por um calafrio.

— Que deseja? Precisa alguma coisa de mim?

— Preciso... preciso...

Fez um esforço, juntando as suas deradeiras forças, e pediu:

— Perdoas-me, Gabriel? Perdoas-me?

— Mas, perdoar-lhe, o quê?

O velho Mascarenhas, com extrema dificuldade, continuou a falar. Via-se que sofria, sofria muito. Confessou que se sentia morrer em Mondim, onde tinha passado os últimos cinco anos, na cama, amarfanhado de tristeza e dores. Fizera aquela viagem, com mil sacrifícios, para alcançar o perdão de Gabriel.

— Fui eu que induzi o marido de tua mãe a ir para o Brasil. Emprestei-lhe dinheiro... Eu queria que a tua mãe ficasse só... Eu gostava muito dela... Uma tarde, encontrei-a no campo...

Abriu mais os olhos e perguntou:

— Perdoas-me, Gabriel?

O engenheiro estava pálido, com a respiração suspensa. Não queria acreditar no que ouvia, e, contudo, também não podia duvidar, pois era um moribundo quem lhe falava...

O Mascarenhas apontou o seu casaco, nas costas de uma cadeira, e aduziu:

— Está ali, na minha carteira, o meu testamento: és o meu único herdeiro...

E, como numa súplica, perguntou pela última vez:

— Perdoas-me, meu filho?

Mais pálido, António Gabriel tinha os olhos rasos de lágrimas. O velho fitava-o e esperava ansioso. Que lhe devia responder? Ajoelhou-se à beira da cama. Nesse momento, o velho fechou os olhos para sempre.

## A PRIORIDADE DA TÉCNICA INGLÊSA

(Continuação da pág. 19)



Joseph Swan, inventor da seda artificial, no seu laboratório

essencial e moldada, ou trabalhada sob todas as formas desejadas. A definição científica é muito mais complicada e exacta. Para o uso industrial moderno, uma matéria plástica deve possuir determinadas qualidades de consistência e resistência às variações de temperatura e de maleabilidade, que permite trabalhá-la. A sua característica principal, todavia, é a capacidade *mágica* da metamorfose.

Parkes entregou-se a investigações sobre as transformações a que era possível, quimicamente, submeter a nitrocelulose, essa perigosa substância que é simultaneamente a base dos explosivos e da seda artificial. Pela combinação da câmara com o papel de seda obteve uma massa plástica conhecida agora pelo celuloide. Mui-

tos de todos nós se recordam, certamente, de ter sorrido do chamado «vidro artificial» e deplorado a sua cor indefinida, a sua fragilidade e a sua facilidade de inflamação. Não nos apercebíamos, então, que esse produto seria o precursor de uma época industrial, descendendo em linha directa das idades da pedra, do bronze, do ferro e do aço.

Depois destas descobertas iniciais, numerosos sábios em vários países contribuíram para o desenvolvimento das plásticas, mas os inventores britânicos continuam na vanguarda das investigações. O próprio celuloide foi grandemente aperfeiçoado pelos trabalhos de Daniel Spill. Em seguida, os ingleses Cross e Devan, que descobriram o processo da viscosa para a seda artificial, demonstraram que os produtos naturais do país ofereciam um reservatório inexgotável de matérias primas para o fabrico das plásticas.

A celulose foi a princípio obtida da polpa da madeira, mas os cientistas ingleses provaram que a substância, inclusivamente as paredes das células vegetais, podia igualmente ser extraída de outros produtos vegetais. O trigo, o algodão, o milho, a soja e mesmo as batatas podem dar um líquido viscoso que, tratado convenientemente, é capaz de substituir o mais fino aço de Sheffield. A indústria moderna produz substâncias nas quais é difícil reconhecer a descendência do celuloide amarelado de Parkes, nomes novos como baquelite, caselina e muitos outros, foram dados para designar os diferentes substitutos nos quais não existe sequer celulose como base mas outros como o alcatrão e o leite. As resinas fenólicas foram utilizadas como os melhores resultados para o fabrico de objectos vários.

Empregados não somente para substituir o marfim nas escovas de cabelo das senhoras e o metal dos aparelhos telefónicos mas como base para a construção de grandes veículos e potentes maquinismos, as plásticas, conservando a origem vegetal, em certo período do seu fabrico, são moldadas tão facilmente como a argila. Mas tornam-se também tão duros como o aço. Recentemente, nos Estados Unidos, construiu-se um automóvel inteiramente de plásticas obtidas por combinações de celulose aglutinadas pelas resinas.

Um velho conto de fadas diz que um toque de varinha bastava para dar a Cendrillon um belo carro feito de abóbora. O milagre repete-se hoje diariamente, graças aos trabalhos dos sábios britânicos.

Donald Cowie

# HISTÓRIA DA GUERRA

Primorosa edição de "O Século"  
DIRIGIDA POR CARLOS FERRÃO

QUATRO HOMENS EM MUNICH • A QUESTÃO POLACA • UM PACTO COM OS SOVIETES • GUERRA RELAMPAGO • INVASÃO DA FINLÂNDIA • CONQUISTA DA NORUEGA • ATAQUE A OCIDENTE • DUNKERQUE • ARMISTÍCIO • UM PLANO DE INVASÃO • A BATALHA DE LONDRES • A INGLATERRA RESISTE • FASE DA LUTA NOS Balcãs • A DEFESA DO EGÍPTO • CAMPANHAS NO PRÓXIMO ORIENTE • A SETA DE MOSCOVO • ENTRE O MAR BRANCO E O MAR NEGRO • INVERNO RUSSO • AMARELOS E BRANCOS • O PACÍFICO, ZONA DE TUFÕES • ISOLACIONISTAS E INTERVENCIONISTAS • O PODER MARÍTIMO • BATALHA DO ATLÂNTICO • BATALHA DO MEDITERRÂNEO • A ACCÃO MILITAR • MÉTODOS PSICOLÓGICOS E POLÍTICOS • PROPAGANDA • TRATADOS E ALIANÇAS • DOIS BLOCOS OPOSTOS • NEUTRALIDADE E NÃO BELIGERÂNCIA • A GUERRA ECONÓMICA • A ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E POTENCIAL HUMANO • O CUSTO DA GUERRA • O CONFLITO DAS IDEIAS • EPISÓDIOS NACIONAIS • PREPARANDO O FUTURO

TUDO ISTO E DESCRITO COM VERDADE POR:

Ten-cor. Lelo Portela, Prof. Rui Ulrich, Dr. Alberto da Veiga Simões, Acúrcio Pereira, Brigadeiro Vasco de Carvalho, Herculano Nunes, Prof. Armando Marques Guedes, Contra-alm. Pereira da Silva, Augusto Pinto, Amadeu de Freitas, Dr. Luiz Vieira de Castro, Cap. ten. Quelhas de Lima, Artur Portela, Guedes de Amorim, Maurício de Oliveira, Major Alexandre de Moraes, Leopoldo Nunes, Manuel L. Rodrigues, Dr. Francisco Veloso, Correia Marques, Dr. Ribeiro dos Santos, Dr. Norberto Lopes, Prim. ten. Alvaro Valente de Araujo.

Centenas de fotografias inéditas.  
Publicação de documentos desconhecidos em Portugal

Gravuras de dupla página impressas em heliogravura

Está em distribuição o plano geral desta obra formidável

Assine hoje mesmo

## A Obra que se vai esgotar

FASCÍCULO A FASCÍCULO . . . . . 10\$00  
COMPLETA OBRA (12 FASC. } . . . 100\$00  
(Pagamento adiantado) }

PEDIDOS DIRECTOS À

Editorial "SÉCULO"

OU ATRAVÉS AS SUAS AGÊNCIAS

LIVRARIAS E TABACARIAS DE TODO O PAÍS



A MÁQUINA DE ESCREVER  
MAIS PORTÁTIL DO MUNDO!

Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Conceição 46, 1.º E. - Telefone 21672 - LISBOA  
NORTE: ARAUJO & SOBRINHO, SUCRS., Largo S. Domingos 50 e Filial, Rua dos Clérigos 8, Telefones 235 e 2352 - PORTO

# MEMÓRIAS DE CHURCHILL

(Continuação da pág. 24)



violáceos. Por cima de tudo, o docel imenso do céu, dum azul de turquesa que, aqui e além, se carregava extraordinariamente, e que o sol ardente atravessava para vir pesar nas nuças e nos ombros das tropas em marcha.

O 21.º de lanceiros passou para a margem esquerda do Nilo, na altura da confluência com o Athara, em 15 de agosto e chegou, depois de nove dias de marcha, a um campo de concentração ao norte da catarata de Shabluka. O sítio tem características especiais. Através as quatro mil milhas do curso do Nilo, desde a nascente ao

Mediterrâneo, a natureza estendeu uma comprida parede de rochas. O rio, em vez de fazer uma volta de dez milhas para a contornar, preferiu atacá-la de frente deixando a descoberto mesmo no centro da massa rochosa que lhe tapa o caminho. A posição de Shabluka era formidável. Para qualquer força militar era impossível ultrapassar a catarata, de barco, a não ser que, previamente, tivesse contornado, pelo lado do deserto, toda a linha de cumecada. A fazer-se essa operação, seria um ensejo magnífico se o exército derviche, colocado atrás das colunas de Shabluka, pudesse atrair sobre o nosso flanco. Não foi sem um justificado sentimento de satisfação que Sir Herbert Kitchener soube, pela sua cavalaria e pelos seus agentes de espionagem, que o inimigo se esquecera de garantir aquela forte posição.

**Novos  
Tons de Pó  
em Voça**

**UMA CELEBRE  
ESPECIALISTA  
DE BELEZA**  
*dá abaixo alguns  
preciosos conselhos*

**Nas côres do pó — como nas dos vestidos e chapéus — a moda muda continuamente. É por isso que côres novas e sedutoras estão constantemente a ser aperfeiçoadas pela célebre Especialista de Beleza do Tokalon**

**Pêche** — o último efeito de «avuladado de pêcego», harmonizando-se com as toilettes de primavera — ficando particularmente bem às louras e às que têm os cabelos castanhos.

**Brun-Soleil** — dum encantador efeito mate para as tês trigueiras, hoje tão em voça em Paris.

**Rachel-doré** — dá um brilho discreto «de pastel» aos tipos langorosos — convém especialmente para as toilettes de noite.

**Experimente a gama completa de côres sedutoras**

Infelizmente muitas mulheres não utilizam a côr de pó que deveriam usar. Isso dá-lhes um aspecto duro e demasiado «maquilhado». O único meio de encontrar a côr exacta, é experimentar um tom numa face e um tom diferente na outra.

O Pó TOKALON encontra-se à venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para

Depósito TOKALON, 88 — Rua da Assunção - Lisboa — que atende na volta do correio.

# CINEMA

## ACTIVIDADE BRITÂNICA

● A «Anglo-Overseas Film Corporation», que até há pouco tinha a seu cargo a distribuição de filmes em todos os domínios da comunidade britânica, acaba de ser reorganizada no sentido de ampliar a sua esfera de acção aos mercados dos Estados Unidos e da América do Sul.

● Entre os novos filmes, quasi concluídos, figuram «Let the people sing», cujo argumento é extraído dum livro da autoria de Priestley; «The foreman went to France», de Tommy Trinder, e um documentário, de Michael Balcon, intitulado «Dnieper».

● Alguns estúdios britânicos estudam a possibilidade de recomeçar a produção de filmes coloridos, que foi interrompida com a eclosão da guerra.

● Encontram-se em preparação dois novos filmes: «Back room bay», comédia, com Arthur Askey; e «Thunder Rock», cujo entrecho é inspirado num ruído êxito teatral.

● O conhecido produtor inglês Montagne Marks projecta encetar a realização de um filme monumental, inteiramente colorido, intitulado «Christopher Columbus». Os exteriores serão fixados em Espanha. A direcção foi confiada a Brian Desmond Hurst, um dos colaboradores de Alexander Korda na realização de «O Leão tem Asas».

● No número dos produtores, realizadores e artistas de Hollywood, que se encontram trabalhando nos estúdios de Londres, contam-se: Herbert Wilcox, Ben Goetz, Anna Neagle, Valerie Hobson, Deborah Kerr, Robert Donat, Clive Brook, Richard Green, David Niven, George Formby e Clarence Brown.

● Segundo um recente inquérito, a exploração dos cinemas britânicos produz uma receita anual de cinqüenta milhões de libras esterlinas. Metade deste quantitativo constitui fundo de rendimento de três importantes consórcios: A «Associated British», a «Gaumont British» e o «Odéon», os quais controlam, respectivamente, 500, 350 e 250 cinemas.

● Em Walmyn (Inglaterra) concluíram-se as últimas sequências da comédia «Bogs your uncles», que tem por realizador Oswald Mitchell.

● Betty Stockfeld, vedeta inglesa, que participou no desempenho de muitas comédias francesas, é a principal interprete de «Hard Steel», nova realização de Norman Walker.

● A nova firma produtora Mercury Pictures, recentemente constituída, está concluindo, nos estúdios de Denham, uma comédia intitulada «I'll marry the girl». A realização decorre a cargo de Harold Hith e Rowland Pertwee. Nos primeiros papéis intervêm Clive Brook e Judy Campbell. Uma das melhores cenas deste filme consiste numa «rumba», que Judy executa, com os dedos, sobre uma mesa, à semelhança — recordam-se? — da famosa dança dos «papos-sêcos», de Chaplin, em a inolvidável «Quimera de Ouro».



Diana Lewis, a adorável esposa de William Powell, que vimos esta temporada em «Eddie Cantor, ama seca»

Hora de confiança

# VITALIDADE

A guerra continua! E o cinema inglês também!

Quando, antes do começo das hostilidades, todos o julgavam decadente, incapaz de responder a todos os apêlos do pensamento, perdido, em suma, pela atrofia de todas as forças que accionavam as suas células de trabalho — eis-lo que surge, volvidos três anos, altivo como um roble, mais robusto em espírito de coesão, condensando outras bases estéticas alicerçadas por uma nova técnica expressiva.

Nunca, como agora, as suas possibilidades de produção e de expansão foram tão vastas. A hora actual é de combate. Para o cinema inglês — é a hora de renovação e de confiança no seu destino. As provas estão à vista. Se alguém se permitir duvidar, aconselhemos a relancear os olhos pelos estúdios britânicos e ponderar os resultados da observação.

Os estúdios ingleses afirmam a vitalidade da comunidade britânica

Decerto que não só ficará surpreendido como, também, convencido de que a necessidade de se bastar a si próprio e de satisfazer as exigências dos seus mercados exteriores, no número dos quais figura Portugal, é imposta pelo imperativo de consciência duma falange de obreiros que vivem consagrados, com obstinado enlévo, à grata missão de fazer ecoar, onde quer que possa ser ouvido, este vibrante grito de guerra:

— O cinema inglês continua! A toda a hora, de dia e de noite, os estúdios afirmam a vitalidade da comunidade britânica!

Milagre da guerra? Com efeito. A despeito de todo o seu cortejo de horrores e de tremendas dificuldades, próprias de quem suporta sob o ferro e o fogo a mais dura e cruel experiência, foi ela que despertou um novo sentido de coesão entre os propulsores duma causa, que não só divorciou o presente do passado como, ainda, sob o impulso dum mais ousado espírito revolucionário, ideou os pródromos duma nova concepção cinematográfica baseada num regresso a fórmulas simples de expressão e de justeza entre a «mecânica» que a corporiza.

Três anos de hostilidades bastaram.



Este sorriso de Greta Garbo foi enviado expressamente, de Hollywood, para os nossos leitores

São, sobretudo, agora, os feitos heróicos dos soldados da Gran-Bretanha os motivos essenciais dos argumentos da produção cinematográfica britânica. É a história viva, dinâmica, desta guerra que os estúdios ingleses constroem para legar aos vindouros como uma afirmação dos princípios eternos defendidos pelo povo britânico na sua gloriosa cruzada de libertação.

Durante este período assistimos, cheios de júbilo, à formação duma nova mentalidade cinéfila, à qual ficamos devendo, entre outras, a audácia de determinar as directrizes de outro conceito plástico, absolutamente diferente daquele que, durante muitos anos, curtiu a produção saída dos estúdios de Londres.

O cinema inglês é um monumento vivo do seu génio, da sua fé patriótica e do seu heroísmo

É cedo ainda para se conhecer, ou avaliar, em toda a profundidade dos seus processos e sentido de renovação, os reflexos desta novidade forjada sobre a dor duma geração, que pugna pelo direito de negar, seja a quem for, o direito de oprimir.

Neste terrível debate, consoante se tem verificado, nenhuma força, ainda a mais poderosa, logrou impedir a Gran-Bretanha de fazer do seu cinema um monumento vivo do seu génio, da sua fé patriótica e do seu heroísmo.

E ainda bem, para júbilo dos povos livres.

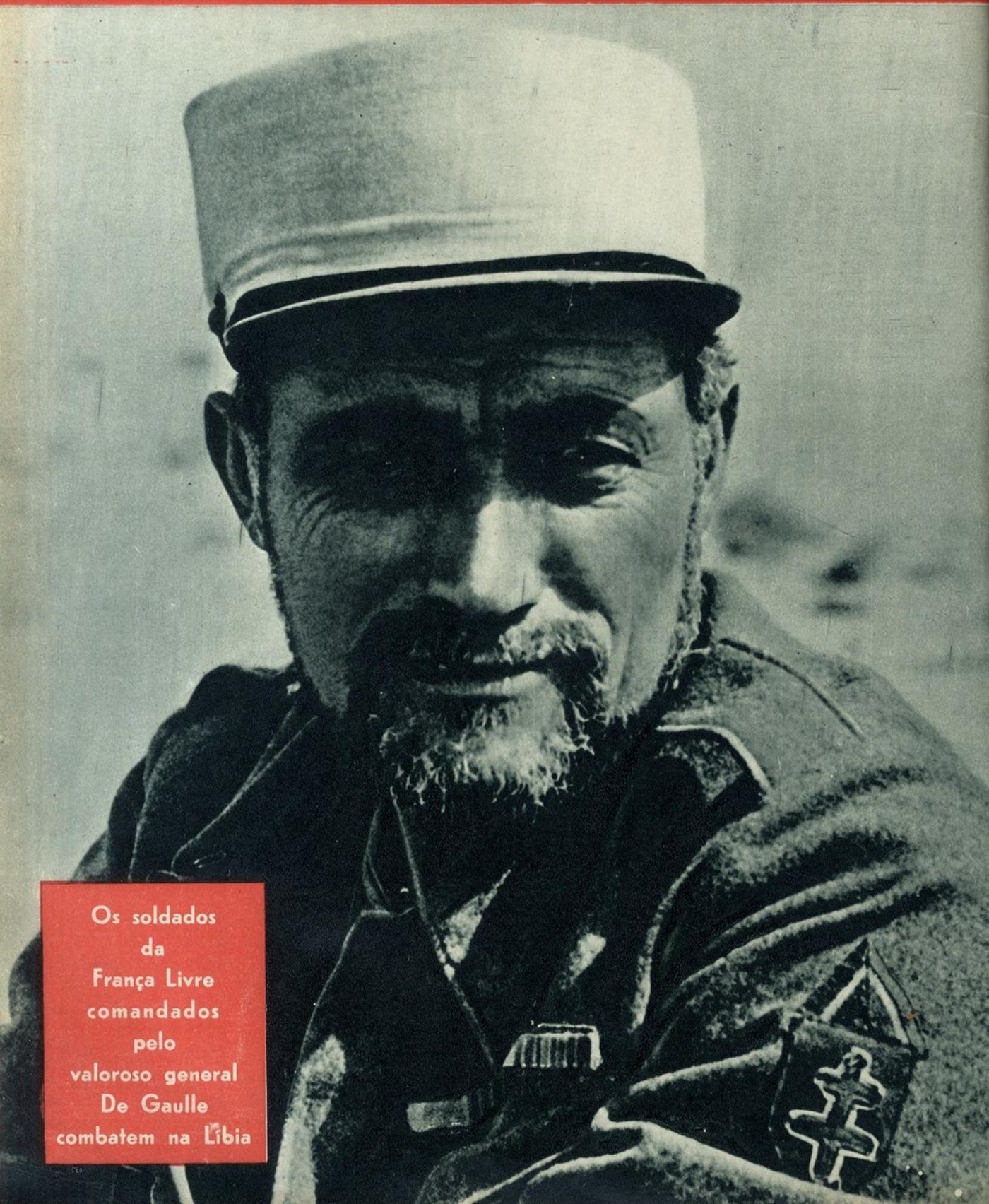
Quanto deram conta de tamanha afirmação de vitalidade?

António Lourenço



Ann Sothorn adora a pipitna e gosta do sol

# MUNDO GRÁFICO



Os soldados  
da  
França Livre  
comandados  
pelo  
valoroso general  
De Gaulle  
combatem na Líbia